UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - PPGAD

NOTAS SOBRE O HABITAR: UM OLHAR ACERCA DO LUGAR DE MORAR E O ESPAÇO URBANO NO BAIRRO MORRO 25, MUNICÍPIO DE LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL

Fernanda Maciel

Lajeado, Rio Grande do Sul

Dezembro de 2024.

Fernanda Maciel

NOTAS SOBRE O HABITAR: UM OLHAR ACERCA DO LUGAR DE MORAR E O ESPAÇO URBANO NO BAIRRO MORRO 25, MUNICÍPIO DE LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, na linha de pesquisa: Espaço e Problemas Socioambientais.

Orientadora: Profª Dra. Neli Teresinha Galarce Machado

Lajeado, Rio Grande do Sul
Dezembro de 2024.

Fernanda Maciel

NOTAS SOBRE O HABITAR: UM OLHAR ACERCA DO LUGAR DE MORAR E O ESPAÇO URBANO NO BAIRRO MORRO 25, MUNICÍPIO DE LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL

A banca abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, na área de concentração Espaço e Problemas Socioambientais:

Profª Drª Neli Teresinha Galarce Machado
Orientadora

Profª Dra. Jamile Maria da Silva Weizenmann
Membro Externo

Prof Dr. Eduardo Périco
Membro Interno

Prof. Dr. Eduardo Relly
Membro Externo

Lajeado, Rio Grande do Sul
Dezembro de 2024.

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha mãe, que são exemplos diários de luta e perseverança; e à minha irmã, por acreditar em mim e me apoiar na busca deste sonho.
Estamos vencendo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente o Programa por ter me acolhido, com toda minha inexperiência acadêmica típica de quem passou anos sendo uma trabalhadora que estuda, e não o contrário. Ser aprovada no Programa de Mestrado do PPGAD consolidou um sonho de vida, e, por isso, minha jornada até aqui foi de muita felicidade dentro da universidade. Aos professores, por todo o saber compartilhado, não só de suas áreas específicas, mas também pelo notório saber, pelo zelo com que tratam suas áreas de pesquisa e pelo respeito que têm com nós alunos e com a sociedade.

Gostaria de expressar meu mais profundo agradecimento à comunidade do Bairro Morro 25, especialmente aos entrevistados e às lideranças que, com generosidade e acolhimento, contribuíram de forma essencial para a conclusão desta pesquisa. Mesmo em um momento desafiador, pós-enchente, e sem me conhecer previamente, vocês me receberam de maneira calorosa e colaboraram com seu tempo, conhecimento e experiências, tornando possível a realização deste trabalho. A disponibilidade e o espírito de comunidade que encontrei em cada um de vocês foram fundamentais para a construção deste estudo. Sou imensamente grata pela confiança e pelo apoio de todos vocês. Muito obrigada!

À minha orientadora, professora Neli, que me guiou nessa jornada insana que é o desenvolvimento de uma pesquisa, desconhecida até então para mim, e que nunca largou da minha mão. Nos momentos que eu duvidei da minha capacidade, ela estava lá para me ofertar aquela palavra amiga que eu precisava pra continuar. Que privilégio conviver contigo, profe Neli! Depois do nosso encontro, o laboratório de Arqueologia nunca mais foi o mesmo, e não sei até hoje se isso é bom ou é ruim!

Aos meus colegas do PPGAD da Depressão e do Megabaile do PPGAD, minha turma apocalíptica do edital de 2023, minha jornada não seria a mesma se eu não os tivesse encontrado. Fazendo analogia com uma citação de Carl Sagan: no meio de tantos editais e tantas outras turmas, foi uma honra e um privilégio dividir a

mesma sala de aula com todos vocês. Preciso deixar um abraço especial às minhas queridas Nadini e Karla, que compartilharam o mesmo neurônio comigo desde o dia 01 no curso! Nosso trio de exploração do botucatu me guiou por várias vezes neste percurso. Não sei como teria chegado até aqui sem a companhia de vocês. Obrigada por tanto!

À equipe do Laboratório de Arqueologia da Univates, o qual sou pesquisadora vinculada e voluntária, deixo aqui meu gigante abraço. Compartilhar os dias com vocês no LabArq foi um presente em todos os sentidos. Aprendi demais com cada um de vocês! Obrigada por me ensinarem tanto, pela paciência, e por todos os bate papos regados à chimarrão, cuquinha e muita pesquisa!

Agradeço ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates por me receberem durante a realização do estágio de docência na disciplina de Morar Social, à coordenação do curso, e à minha professora preceptora Jamile, que me ensinou tanto em sala de aula. Agradeço também aos alunos do semestre 2024/A que me receberam de portas abertas, equipe do EMAU e também à todos que conheci durante o período de estágio.

Aos amigos da Associação Marinês que tanto me ensinaram sobre solidariedade, humildade, resiliência e sobre a vida nas comunidades periféricas.

À minha família e meus amigos por estarem sempre comigo, por entenderem minhas ausências e por sempre torcerem por mim. Meus dias só são completos com a presença de todos vocês. É por este carinho que recebo diariamente que busco sempre ser a melhor versão de mim. Prometo sempre honrar todo este afeto. Obrigada de coração, vocês sabem quem são!

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o contexto histórico, urbano e ambiental do bairro Morro 25, situado no município de Lajeado, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. A pesquisa parte da premissa de que o entendimento de um bairro periférico e das dinâmicas de morar de seus habitantes é fundamental para o reconhecimento das potencialidades e deficiências que impactam o desenvolvimento urbano e regional. O bairro Morro 25, inserido em um cenário de crescimento e transformação urbana, é caracterizado pela sua configuração espacial histórica e pelas particularidades de seu processo de ocupação. A pesquisa busca responder a questões centrais, como quem habita o bairro, como ocorreu a ocupação histórica do espaço, a conexão deste com os demais bairros da cidade, a percepção dos moradores sobre a sua vivência no local e sua integração com o município. Através da análise da morfologia urbana do bairro, que abrange desde os aspectos físicos da cidade até as relações socioculturais que moldam o ambiente, foram investigados os parâmetros técnicos e históricos da evolução do espaço urbano. A pesquisa também se propôs a traçar um perfil socioeconômico dos moradores e a refletir sobre os conceitos de morar, viver, abrigar, espaço, território, paisagem, lugar e territorialidade, a fim de compreender a dinâmica do morar sob a ótica dos habitantes. A partir de uma abordagem metodológica que incluiu pesquisa bibliográfica, entrevistas com moradores e lideranças locais, e análise dos dados obtidos, este estudo contribui para a compreensão da relação dos habitantes com seu bairro e as dificuldades e potencialidades percebidas na interação com a gestão pública e a cidade em geral. A pesquisa também aborda como os impactos ambientais e históricos influenciam a qualidade de vida dos moradores, especialmente após eventos adversos como as enchentes que afetaram a cidade em 2024. Neste contexto, destaca-se a relevância do protagonismo dos moradores do bairro Morro 25 para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, uma vez que suas vozes, experiências e percepções sobre o espaço urbano são fundamentais para a construção de um conhecimento mais completo e fiel à realidade local. Esta pesquisa valoriza o olhar dos sujeitos diretamente envolvidos com a transformação do bairro, permitindo que suas histórias e práticas sejam documentadas e compreendidas de maneira acadêmica. Além disso, contar a história do espaço e das pessoas que nele habitam tem um papel na promoção de um desenvolvimento urbano mais inclusivo e equitativo. Esse protagonismo é essencial para a construção da identidade do bairro e para a formulação de políticas públicas que atendam de maneira mais precisa às necessidades da comunidade, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 10 (Redução das Desigualdades) e o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis). Ao integrar as experiências locais no debate acadêmico, este estudo contribui para a criação de um espaço de reflexão que se alinha com a promoção da justiça social, sustentabilidade e o fortalecimento da cidadania.

Palavras-chave: Comunidade Periférica. Direito à Cidade. Morfologia Urbana.

ABSTRACT

This study aims to analyze the historical, urban and environmental context of the Morro 25 neighborhood, in the city of Lajeado, in the Taquari Valley, Rio Grande do Sul. The research is based on the premise that understanding a peripheral neighborhood and the dynamics of how its inhabitants live is fundamental to recognizing the potentialities and deficiencies that impact urban and regional development. The Morro 25 neighborhood, inserted in a scenario of urban growth and transformation, is characterized by its historical spatial configuration and the particularities of its occupation process. The research seeks to answer central questions, such as who lives in the neighborhood, how the historical occupation of the space occurred, its connection with other neighborhoods in the city, the perception of residents about their experience in the area and its integration with the municipality. By analyzing the urban morphology of the neighborhood, which ranges from the physical aspects of the city to the socio-cultural relationships that shape the environment, the technical and historical parameters of the evolution of the urban space were investigated. The research also set out to draw up a socio-economic profile of the residents and to reflect on the concepts of living, dwelling, sheltering, space, territory, landscape, place and territoriality, in order to understand the dynamics of living from the perspective of the inhabitants. Based on a methodological approach that included bibliographical research, interviews with residents and local leaders, and analysis of the obtained data, this study contributes to understanding the relationship between the inhabitants and their neighborhood and the difficulties and potentialities they perceive in interacting with public management and the city in general. The research also addresses how environmental and historical impacts influence residents' quality of life, especially after adverse events such as the floods that affected the city in 2024. In this context, we highlight the importance of the role of the residents of the Morro 25 neighborhood in the development of academic research, since their voices, experiences and perceptions of the urban space are fundamental to the construction of a more complete and faithful knowledge of the local reality. This research values the views of those directly involved in the transformation of the neighborhood, allowing their stories and practices to be documented and understood in an academic way. In addition, telling the story of the space and the people who inhabit it plays an important role in promoting more inclusive and equitable urban development. This protagonism is essential to build the identity of the neighborhood and to create public policies that more accurately meet the needs of the community, aligning with the Sustainable Development Goals (SDGs), especially SDG 10 (Reducing Inequalities) and SDG 11 (Sustainable Cities and Communities). By integrating local experiences into the academic debate, this study contributes to the creation of a space for reflection that aligns with the promotion of social justice, sustainability and the strengthening of citizenship.

Keywords: Peripheral communities. Right to the City. Urban Morphology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: mapas de localização.....43
Figura 2: mapa político do Município de Lajeado..... 51
Figura 3: perímetro do bairro Morro 25.....52
Figura 4: perímetro do bairro Morro 25 - satélite..... 52
Figura 5: curtume Koefender.....62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: objetivos e Métodos… 41
Quadro 2: municípios do Vale do Taquari… 48
Quadro 3: identificação dos moradores 62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art. : Artigo

CDL: Câmara dos Dirigentes Lojistas

DUDH : Declaração Universal dos Direitos Humanos

EMAU: Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

IBGE : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ODS : Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU : Organização das Nações Unidas

RS : Rio Grande do Sul

SEDUR/RS Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Metropolitano do Governo do Estado

SGB/CPRM : Serviço Geológico do Brasil

UNIVATES: Universidade do Vale do Taquari

UTP : Unidades Territoriais de Planejamento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Direito à cidade e o direito à moradia 24

2.2 Arquitetura da paisagem 27

2.3 Comunidades 34

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 Caracterização da pesquisa 40

3.2 Local de pesquisa 41

3.3 População e Amostra 44

3.4 Instrumento de coleta de dados 44

3.5 Sujeitos da pesquisa 46

4. VALE DO TAQUARI, LAJEADO E BAIRRO MORRO 25

4.1 O Vale do Taquari: e o Município de Lajeado 48

4.3 O Bairro Morro 25 51

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS 61

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 80

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO[1]

‘Não há lugar como o nosso lar.[2]

Introduzo o texto nesta frase com ganas de quem recorre à uma sensação para justificar a importância do local de morar. E qual será esta sensação? Aquela que nos remete à infância, que resgata memórias de algum lugar do passado; ou aquela de quando deixamos um local para partir em busca de um novo endereço; ou mesmo aquela que faz lembrar da primeira vez que falamos para alguém “esta aqui é a minha casa”, enfim, qualquer sensação que nos permita pertencer a algum determinado meio. De fato, não há lugar como o nosso lar. Sob o olhar da arquitetura, o lar é a nossa casa. Trata-se do território comum entre o espaço de permanência e a pessoa que nele habita. Então, neste trabalho, proponho refletir o lar como o espaço urbano habitado, ou como um território que representa o modo de viver de uma determinada comunidade, e vice-versa.

Este trabalho surge a partir de uma inquietação pessoal, quase como uma curiosidade, acerca de um bairro da cidade o qual pouco conhecia até então, qual seja, o Bairro Morro 25[3]. Enquanto arquiteta, exercendo a profissão dentro da cidade onde nasci, fui criada e onde resido até hoje, tenho conhecimento da sua existência e da sua localização geográfica, no entanto, não faço ideia de como funciona a vida por lá. Numa rápida busca na internet sobre notícias deste bairro, me deparei apenas com indicação de códigos postais, reportagens curtas sobre o funcionamento do serviço de saúde, e muita, mas muita criminalidade. Este último

---

[1] Em novembro de 2024, submetemos o manuscrito intitulado "Cidades Inclusivas: O Caso do Bairro Morro 25, Lajeado, Rio Grande do Sul" ao periódico *Revista de Direito da Cidade*. Este artigo encontra-se em avaliação.

[2] “Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar um sentido de lugar. Estas são expressões comuns que nós admitimos como certas, no entanto, quando pensamos sobre elas, podem assumir significados inesperados e levantar questões que não nos correria indagar” (TUAN, 1977).

[3] Cumpre informar que é constante em vários documentos a escrita do nome do bairro com o numeral por extenso, ou seja, Bairro Morro Vinte e Cinco, no entanto, considera-se neste trabalho a denominação oficial constante em lei, a saber: conforme Lei Ordinária n.º 5345/1994, fica denominado de Bairro Morro 25, a parte integrante do Bairro Santo Antônio, localizado no perímetro urbano de Lajeado (LAJEADO, RS, 1994, p.1).

ponto chama atenção, mas não me impressiona, afinal, tudo que ouvi durante minha vida sobre o bairro gira em torno disso também. Reconhecendo aqui todos os privilégios que me cercam, um deles é morar em um bairro que, na minha percepção, representa o extremo oposto do bairro objeto de estudo. Este olhar sobre o desconhecido é o que me motiva a explorar tantos contrastes existentes na cidade, em especial, neste bairro que recebe tão pouca atenção da mídia[4] e da comunidade externa. Refletir sobre esta diversidade e distintas realidades é um exercício extremamente necessário, haja vista que somente reconhecendo a existência destas disparidades podemos então buscar soluções para tantos desafios diários que a vida em comunidade nos apresenta. Destaca-se também que o convívio com os historiadores do curso de História da UNIVATES e com os pesquisadores do Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências foi fundamental para a reflexão sobre a responsabilidade do conhecimento histórico produzido pelos historiadores profissionais.

A troca constante de ideias e experiências com esses grupos proporcionou uma visão crítica sobre o papel da história na construção de narrativas e na formação de uma arquitetura social mais justa. A colaboração interdisciplinar entre historiadores e arqueólogos permitiu uma análise mais profunda das relações sociais e culturais que permeiam os espaços urbanos e rurais, ampliando a compreensão sobre como o passado influenciou o presente e, consequentemente, as decisões sobre o futuro das comunidades. Esse diálogo foi essencial para o aprimoramento das práticas de pesquisa e para a construção de uma arquitetura do conhecimento que fosse inclusiva, respeitosa e comprometida com a verdade histórica.

Ao tratar sobre paisagem urbana nos referimos ao imediatamente perceptível como a primeira imagem que vem à cabeça sobre um determinado lugar. Se fecharmos os olhos e permitirmos nossa imaginação nos levar a um determinado lugar da cidade, o que vemos? Como percebemos este lugar? O que nos faz sentir este lugar? Este exercício nos condiciona, quase que inevitavelmente, a observar os espaços físicos da cidade: as casas e suas dinâmicas do morar, os altos edifícios e aqueles não tão imponentes assim, as ruas e seu trânsito quase sempre caótico,

[4] Considera-se mídia neste trabalho as publicações oriundas dos principais veículos de comunicação presentes na cidade, quais sejam, O Informativo do Vale (no momento fora de circulação), Grupo A Hora, Grupo Independente, Agora no Vale e redes sociais de diversas fontes.

enfim...uma infinidade de sensações provocadas pela simples e rotineira observação do espaço que está a nossa volta. Paralelo a isto, temos de lidar com todas as emoções que envolvem estas experiências cotidianas e as inquietações que elas nos provocam.

Percebemos que um lugar não é igual ao outro, e que nesta imensidão de variáveis perceptíveis sempre há características muito próprias no espaço que vem na nossa memória, e que nessa memória vem também o movimento natural da paisagem: o vai e vem das pessoas e dos meios de transportes, o ruído de diversas fontes, odores que não nos pertencem, sabores provenientes de diversas culturas, ou seja, todo modo de expressão da vida na cidade que representa a diversidade. Ou também a desigualdade? Será que podemos afirmar que existem várias cidades acontecendo dentro de uma única cidade? De qualquer modo, questionar o porquê das coisas na dinâmica das cidades é quase como elaborar um diagnóstico em tempo real de tudo aquilo que nos faz pertencer a um determinado lugar.

Para obter respostas a todos estes questionamentos é necessário compreender que a paisagem urbana representa uma produção espacial, e isto implica em analisar o espaço urbano enquanto processo e não apenas como forma. Enquanto processo, podemos observar elementos de sua evolução e o modo pelo qual foi produzida, a plena relação entre a ordem e o caos, manifestando os elementos visíveis do espaço em caráter imediato. Nesta esfera, o desenvolvimento de sociedade expressa a dimensão real das relações sociais, construídas física e historicamente, especificamente determinada e, consequentemente, concreta. Já na ordem da forma, as relações sociais surgem como relações entre coisas, de forma independente, que nem sempre parecem o que realmente são. Resumidamente, por trás da aparência estática dos processos, esconde-se o dinamismo das relações sociais das formas urbanas (Carlos, 2011).

Esta pesquisa propõe conhecer o bairro Morro 25 em sua totalidade, tanto no âmbito do desenvolvimento do espaço físico quanto na compreensão do modo de viver de seus moradores. Também, espera-se visibilizar aqueles que têm muito a contar mas quase nunca são ouvidos. Por fim, mas não menos importante, espera informar a comunidade externa não só sobre a existência de um bairro na cidade e

suas características, mas da existência, sobretudo, das pessoas que nele habitam e que encontram dentro deste perímetro o seu lugar de morar.

Nesta perspectiva, a problemática deste trabalho é construída a partir das seguintes inquietações:

(a) *não conhecemos ou frequentamos o bairro a não ser que exista nele algo que nos interessa, e*

(b) não há conteúdo na mídia suficiente que nos permita conhecer a vida na comunidade. O bairro Morro 25 e sua comunidade são praticamente invisíveis aos olhos da cidade[5].

A análise do contexto histórico, ambiental e do espaço urbano do bairro Morro 25 visa responder a uma série de questões centrais, que orientam a compreensão da dinâmica do espaço e da vivência local. As questões investigativas são as seguintes:

1. Quem habita o bairro?
2. Como se deu a ocupação histórica desse espaço?[6]
3. De que maneira o bairro se conecta, ou se desconecta, com os demais bairros do município de Lajeado?
4. Como os moradores percebem a recepção do bairro e da comunidade pela cidade em seu contexto mais amplo?

[5]Durante a escrita desta dissertação, optei, em alguns momentos, pelo uso da primeira pessoa do singular. Essa escolha decorre do meu envolvimento direto com a temática pesquisada, o que exigiu uma relação próxima com o objeto de estudo e com as pessoas envolvidas. Além disso, desejo compartilhar com os leitores a minha experiência ao descobrir e compreender a riqueza de informações presentes no cotidiano e na oralidade, que muitas vezes não estão registradas em livros ou artigos acadêmicos. Essa abordagem pessoal busca também refletir a vivacidade e a singularidade do processo de pesquisa, valorizando as interações que enriqueceram este trabalho.

[6] A ocupação histórica deste espaço apresenta desafios interpretativos que vão além de uma simples narrativa cronológica. Por não ser da área da história, reconheço a limitação inicial ao abordar tal temática, mas comprometi-me a tratar a questão com seriedade, contando com o suporte fundamental da minha orientadora e do grupo de pesquisa que ela lidera. O objetivo foi construir uma descrição histórica que privilegiasse uma perspectiva cultural, buscando destacar o bairro como um ponto estratégico na história de Lajeado, não apenas como um local de memória, mas também como um espaço carregado de potencialidades para futuras investigações, particularmente no que se refere à história negra da cidade. Ainda assim, cabe uma autocrítica: a tentativa de articular uma história cultural que priorize vozes frequentemente marginalizadas exige mais do que boas intenções e pesquisa bibliográfica; demanda rigor e diálogo contínuo com a historiografia crítica. Espero que o resultado seja mais um passo nesse caminho, e não uma síntese apressada que invisibiliza complexidades. Afinal, tratar do bairro como espaço vivo, que articula memória, identidade e potência histórica, é reconhecer seu papel dinâmico na construção da história de Lajeado e da região.

5. Qual é a percepção dos moradores sobre seu lugar de residência e sua relação com a cidade em termos de integração ou exclusão?

Nesse sentido, a pesquisa buscou entender a história do bairro e suas características urbanas e também sua inserção e papel na dinâmica regional. Os objetivos específicos da pesquisa incluem:

1. Apresentar o território do Vale do Taquari;
2. Identificar parâmetros técnicos e históricos relativos à evolução morfológica do espaço urbano, com foco particular no bairro Morro 25;
3. Traçar um perfil socioeconômico dos moradores do bairro;
4. Conceituar termos chave relacionados às dinâmicas do habitar, como morar, viver, abrigar, além dos conceitos de espaço, território, paisagem, lugar e territorialidade;
5. Compreender as dinâmicas do morar sob a perspectiva dos próprios moradores, valorizando sua vivência e seus sentidos de pertencimento.

As hipóteses formuladas para esta pesquisa sugerem que a ocupação inicial do bairro ocorreu de maneira gradual, impulsionada pela busca por propriedades de baixo valor de mercado, localizadas relativamente próximas ao centro urbano. Além disso, a proximidade com o Rio Taquari e o acesso a municípios vizinhos, como Cruzeiro do Sul e Santa Clara do Sul, podem ter sido fatores relevantes na escolha de fixação residencial. Observa-se também que o bairro é frequentemente estigmatizado pela percepção negativa de grande parte da população municipal, o que parece ser atribuído ao elevado índice de criminalidade e violência, amplamente divulgados pela mídia. Embora a criminalidade esteja presente em diversos bairros, a escassez de cobertura midiática sobre a região contribui para que o foco da narrativa seja, predominantemente, nos aspectos negativos, e não nas dinâmicas positivas existentes. Nesse contexto, compreende-se que entender as dinâmicas de moradia envolve ouvir e registrar as experiências dos moradores, com o objetivo de, de alguma forma, atuar para mudanças. A percepção dos moradores, que convivem e circulam diariamente pelo bairro, é indiscutivelmente distinta daqueles que não têm essa vivência. Em comunidades de maior vulnerabilidade, o senso de proteção e segurança entre os moradores é um elemento central, evidenciado na prática de proteger a comunidade e cultivar o pertencimento. Contudo, observa-se que essa

coesão muitas vezes não se estende ao restante da cidade, especialmente em função das dificuldades de acesso aos recursos urbanos e serviços públicos, ampliando a exclusão social e a segregação espacial.

Dessa forma, a pesquisa se apresenta de grande valia, pois estudar um bairro periférico e a dinâmica de morar de seus habitantes é essencial para o reconhecimento tanto das potencialidades quanto das limitações que permeiam a cidade como um todo. Os territórios, ao longo do tempo, foram colonizados, cultivados e modificados de diversas maneiras com o estabelecimento dos assentamentos humanos. À medida que as comunidades se expandem, os impactos causados pelos seres humanos nos ecossistemas do planeta aumentam, muitas vezes em descompasso com nossa capacidade de mitigar os danos ao meio ambiente.

A situação ideal para um desenvolvimento regional ordenado seria um equilíbrio entre os diversos contextos - econômico, social, político, ambiental e jurídico -, mas sabemos que a realidade não se alinha a esse ideal. Enquanto os sistemas ambientais naturais favorecem nossa sobrevivência como espécie, ao nos fornecer uma vasta gama de recursos, como oxigênio, água, alimentos, energia e espaços para a agricultura e habitação, as atividades humanas, neste momento, têm explorado de forma intensiva esses recursos, resultando na degradação ambiental. Tal processo impõe sérias limitações à capacidade da Terra de sustentar a vida, uma questão que exige reflexão e ação para assegurar um futuro sustentável.

A área de concentração do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento propõe *avaliar a interação do homem com o ambiente, considerando-o parte integrante dos ecossistemas* (Univates, 2024). A qualidade de vida de um cidadão que vive em comunidade, principalmente nos ambientes urbanos, depende de vários fatores como, por exemplo, saúde física e mental, senso de segurança e a liberdade de se expressar enquanto indivíduo inserido dentro de um todo. Estes fatores são diretamente afetados pela organização espacial e a articulação entre os ambientes construídos. Neste sentido, a observância dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil, que visa promover um desenvolvimento equilibrado que concilie crescimento econômico, inclusão social e preservação ambiental, é fundamental para a elaboração de políticas públicas que

buscam solucionar desafios urbanos contemporâneos, atuando na diminuição da pobreza, na desigualdade, na degradação ambiental e na promoção de uma governança mais ética e participativa (ONU, 2015; Univates, 2024).

A linha de pesquisa a qual este trabalho está vinculado, qual seja, Espaço e Problemas Socioambientais, *estuda interações entre sociedade e natureza, ocupações humanas, implicações entre desenvolvimento, organizações profundas e sociais, políticas públicas, saúde e ambiente. Sustentabilidade e práticas culturais. Cidadania, comunicação e educação ambiental* (Univates, 2024). O primeiro passo para promovermos comunidades mais inclusivas e sustentáveis é analisar e identificar os recursos existentes no ambiente, afinal, não podemos falar sobre aquilo que não conhecemos. Estes recursos podem ser classificados em naturais, já identificados anteriormente; culturais, que representam a história, a cultura local e todo o simbolismo da vida em comunidade através do tempo; e os construídos, que são aqueles oriundos de intervenções humanas. Neste último, podemos citar como exemplos os assentamentos habitacionais, sistemas de transportes, comércio e serviços, áreas de recreação, equipamentos urbanos, instituições, entre outros. Juntos, estes recursos formam a identidade do lugar, ou seja, como esta localidade é vista por quem a analisa.

Os estudos utilizados para sustentar esta pesquisa apontam para a importância de observar a dinâmica social a partir da perspectiva do indivíduo e o meio o qual ele está inserido. Deste modo, para pensar o meio físico habitado e as relações sociais que nele ocorrem, recorre-se à literatura clássica, que consistem nas obras publicadas em livro, buscando-se principalmente a multidisciplinaridade, sob o olhar de autores com formação em diversas áreas. Estas obras foram selecionadas por serem consideradas relevantes para a compreensão dos temas relacionados ao planejamento e desenvolvimento regional, especialmente no condizente à análise espacial de sítios arquitetônicos. Observando a obra de autores como Lynch (1960), Rossi (1966), Lefebvre (1968), Tuan (1977), Bauman (2003), entre outros, somos capazes de compreender a complexidade dos sistemas urbanos, as particularidades de cada região e seus habitantes.

Atualmente, o processo de planejamento urbanístico do município é guiado a partir da observância da legislação vigente, como constante no plano diretor e no

código de obras, no entanto, muitos outros agentes que não o poder público contribuem para a configuração espacial do ambiente construído. Um dos grandes desafios da profissão do arquiteto é sempre respeitar a menor escala do projeto que é a escala humana. No planejamento urbano isto não deve ser diferente. Tudo que desenvolvemos enquanto profissionais projetistas, independente de qual área for sua especialização, deve levar em consideração esta escala. O ambiente urbano é o lar de uma infinidade de pessoas, que demandam outra infinidade de serviços que possibilitem sua existência.

Estes serviços demandam espaços físicos para serem implementados, que num todo formam concentrações de vários serviços distribuídos pela cidade, e assim sucessivamente. A ideia que quero trazer aqui é que há uma necessidade de harmonia nessa interação. E quem promove esta harmonia? Outras infinidades: de pessoas, agentes políticos, econômicos, ambientais, etc. A análise do espaço urbano, ou de um recorte dele como proponho neste trabalho ao observar um bairro específico do município, implica na compreensão e discussão de uma totalidade. Por aqui, vamos nos concentrar na cidade e seu desenvolvimento enquanto município, em especial, na análise e reconhecimento de um bairro.

Há também a necessidade de mencionar aqui a ocorrência de três inundações do Rio Taquari, ocorridos na região do Vale do Taquari durante a escrita deste trabalho, que afetaram a dinâmica do Município de Lajeado e também a área de estudo. As inundações que ocorreram em setembro de 2023 (que se tornou a primeira grande inundação depois da grande cheia de 1941, com o nível do rio Taquari em Lajeado atingindo a cota de 29,53 metros[7]), novembro do mesmo ano (de menor intensidade porém atingindo uma cota de 24,19 metros e trazendo consigo muita destruição oriunda do evento anterior) e maio de 2024 (que se tornou a maior enchente de todos os tempos ao atingir a cota de 33,35 metros) tiveram impactos devastadores, especialmente em áreas como o Morro 25, em Lajeado[8].

[7] Cumpre informar que o nível de referência do rio Taquari nos municípios de Estrela e Lajeado segundo a Defesa Civil é de 13 metros, e o nível de cota de enchente nos mesmos municípios é de 19 metros.

[8] Durante o período das enchentes, tive a oportunidade de participar em ações individuais de colaboração nos esforços de auxílio às comunidades afetadas. Essa vivência, além de reforçar a importância de práticas solidárias em situações de crise, revelou de forma contundente o abandono histórico que recai sobre certos espaços urbanos. A relação entre minha pesquisa - centrada na ideia de lugar e nos significados atribuídos aos espaços urbanos - e a realidade concreta desses territórios tornou-se ainda mais evidente: são locais sistematicamente negligenciados pelo poder público.

Em setembro de 2023, fortes chuvas resultaram em alagamentos significativos, afetando diversas regiões do estado. Em maio de 2024, o fenômeno se repetiu, com chuvas intensas que elevaram os níveis dos rios, causando inundações em Porto Alegre e em outras cidades. De acordo com o jornal *Le Monde*, as chuvas desde 27 de abril elevaram os níveis do Guaíba, cidade da região metropolitana da capital do estado Porto Alegre, inundando dois terços dos municípios do estado e levando à evacuação de aproximadamente 540 mil pessoas (Le Monde, 2024).

Essas enchentes resultaram em mais de 150 mortes e deixaram muitas pessoas desaparecidas, além de causarem danos significativos à infraestrutura, residências e à agricultura, especialmente às lavouras de arroz, que fornecem 70% do arroz consumido no Brasil (Le Monde, 2024). No bairro Morro 25, em Lajeado, os moradores enfrentaram desafios adicionais devido à mobilidade urbana limitada. As inundações danificaram ruas e pontes, dificultando o acesso a serviços essenciais e aumentando a vulnerabilidade[9] da comunidade. Além disso, a interrupção do transporte público e a obstrução de vias afetaram a capacidade dos residentes de se deslocarem para o trabalho, escolas e centros de saúde, exacerbando as dificuldades já enfrentadas por uma população de baixa renda.

Esses eventos climáticos extremos destacam a necessidade urgente de estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas, incluindo investimentos em infraestrutura resiliente, sistemas de alerta precoce e políticas

---

Mesmo ao conceber minha dissertação sem uma abordagem explicitamente voltada à dialética política, a experiência prática demonstrou que é impossível dissociar a análise urbana das estruturas de poder que moldam e, muitas vezes, condenam esses espaços ao descaso. A ausência de políticas públicas eficazes, somada à precariedade das infraestruturas básicas, expõe uma realidade que transcende as enchentes. São bairros e territórios marcados por uma espécie de esquecimento institucional crônico, onde as respostas emergenciais surgem como paliativos que mascaram problemas estruturais. Essa negligência não é casual. É fruto de um projeto político que hierarquiza territórios e populações, relegando as áreas mais vulneráveis a uma posição periférica, tanto geográfica quanto social. Os espaços urbanos não são apenas cenários passivos, mas reflexos e agentes das dinâmicas de poder que moldam a vida coletiva. Quando o Estado ignora essas áreas, reforça uma narrativa de exclusão, na qual o direito à cidade é privilégio de poucos e a sobrevivência das comunidades depende de redes de solidariedade que operam no limite de suas forças. Minha pesquisa ganha, assim, uma camada crítica que talvez não estivesse clara no início: investigar os significados dos lugares urbanos é também desvelar as políticas de esquecimento e a resistência cotidiana de seus moradores.

[9] Um manuscrito intitulado "Complexidade Territorial e Vulnerabilidades no Bairro Morro 25: Uma análise comparativa em Lajeado, Rio Grande do Sul", estudo que utiliza indicadores de vulnerabilidade urbana e social baseados em setores censitários, comparando o Morro 25 com o município de Lajeado como um todo, foi desenvolvido concomitantemente à escrita deste trabalho durante este semestre. O artigo está em fase de finalização e formatação para publicação.

públicas que considerem as vulnerabilidades específicas de comunidades como o Morro 25. Neste viés, destaco aqui um importante trabalho desenvolvido pelo Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) da Univates em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Metropolitano do Governo do Estado (SEDUR/RS) e universidades parceiras, denominado A Cidade e a Água, publicado recentemente pela editora da instituição, que relata a linha do tempo dos fenômenos climáticos que ocorreram durante o período de abril e maio e faz um mapeamento das áreas atingidas em diversas regiões. Traz também um panorama ilustrado sobre a devastação das cidades atingidas pela enchente, publicizando a devastação que assolou diversas cidades, e principalmente famílias, em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul (Univates, 2024).

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. O primeiro deles, a introdução, aponta as motivações da pesquisa, problema, objetivos, justificativa e uma síntese da metodologia e dos autores teóricos consultados. No segundo capítulo, o referencial teórico situa o trabalho dentro do contexto científico, oferecendo o suporte teórico necessário para a discussão sobre a temática proposta.

No terceiro capítulo é descrito a metodologia aplicada para o desenvolvimento desta pesquisa, onde são apresentados a caracterização, os espaços onde ela aconteceu, os participantes da pesquisa, bem como os instrumentos de coleta e análise de dados.

No capítulo quatro, é feita uma breve contextualização histórica sobre o Vale do Taquari, o Município de Lajeado e o bairro Morro 25. Em busca realizada em livros e trabalhos acadêmicos publicados com esta temática, objetivou-se identificar estes territórios na sua totalidade, trazendo dados sobre sua ocupação, bem como sua contribuição para com o desenvolvimento regional.

O quinto capítulo sintetiza e faz a análise dos dados coletados na pesquisa e durante as entrevistas semi estruturadas, cujos entrevistados foram membros da Associação de Moradores do Bairro Morro 25. A flexibilidade desta modalidade de entrevista permitiu uma fala mais espontânea por parte dos entrevistados, trazendo dados importantes sobre a temática proposta neste trabalho.

Por fim, o capítulo seis traz as considerações finais, em que são feitas reflexões sobre a pesquisa, procedimentos, resultados alcançados e contribuições para futuras pesquisas na temática abordada. Nele se sintetizam as constatações mais significativas observadas ao decorrer da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do princípio de que para compreender a totalidade de um sistema é necessário, antes, compreender e diferenciar suas partes, nesta seção proponho a revisão de alguns conceitos pertinentes ao exercício da observação da vida nas cidades, em especial, aqueles que são inerentes à análise da configuração dos elementos compositivos do espaço urbano, e também da vida em comunidade.

2.1 Direito à Cidade e o Direito à Moradia

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), documento elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948 que objetiva estabelecer os direitos fundamentais de todos seres humanos sem distinção, assegura direitos individuais, sociais, políticos e jurídicos, servindo como um parâmetro para o trabalho em conjunto de todos os países signatários em busca de um mundo mais justo e igualitário. Constante neste documento, o Artigo 25º assegura que

> Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle." (Organização das Nações Unidas, 1948, p. 5)

Migrando deste movimento mundial e passando a analisar brevemente o contexto brasileiro, podemos encontrar o mesmo esmero com os cidadãos quando tomamos conhecimento sobre os direitos e garantias fundamentais observados na Constituição de 1988. Dentre os inúmeros parágrafos constantes no Artigo 5º do referido documento, o qual assegura que todas as pessoas são iguais perante a lei e sem distinção de qualquer natureza, podemos destacar que o parágrafo XI ratifica que: A casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial (Brasil, 1988, Art. V).

Diante das constantes mudanças às quais somos submetidos diariamente, aquelas que nem sempre temos tempo o suficiente para nos adaptar, há necessidade de desenvolver o meio comunitário de forma ordenada, a fim de que haja harmonia entre as condições humanas e ambientais. Para tanto, em setembro de 2015, a Organização das Nações Unidas elaborou um documento onde estabelecem-se 17 objetivos direcionados ao desenvolvimento sustentável, especificados em 169 metas que abrangem aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais. Este documento, denominado “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” , estipula várias ações que seguem cinco frentes de atuação: Paz, Pessoas, Planeta, Prosperidade e Parcerias.

Dentre os 17 objetivos propostos pela ONU, o de número 11 apresenta como temática ‘Cidades e Comunidades Sustentáveis’, cuja abordagem é tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Das 7 metas elencadas neste objetivo, duas delas, quais sejam, objetivos 11.3 e 11.7, indicam particular interesse em promover o planejamento regional ordenado, por meio da urbanização inclusiva, sustentável e ambientalmente responsável, de modo a garantir a todos melhores condições de vida nas cidades (ONU, 2015).

Este padrão de vida almejado demanda a existência de uma rede de recursos existentes disponíveis em algum determinado lugar. Neste contexto, podemos atribuir às cidades o cenário para que todos estes movimentos aconteçam. O reconhecimento da moradia adequada como direito fundamental implica não somente assegurar que o cidadão tenha um teto sobre sua cabeça, mas também que o local de moradia seja tão digno quanto o abrigo individual, para que possa viver de forma segura e saudável também em comunidade.

Sobre a vida em comunidade, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003) elucida que a própria palavra comunidade é carregada de significados, e um deles é a sensação de remeter a algo bom, seguro e aconchegante. Para o autor, é como se este espaço representasse o abrigo e acolhimento que não encontramos fora dele, é o local onde podemos confiar nas pessoas que nele circulam pois estas compartilham do mesmo sentimento de pertencimento e onde podemos discutir, amigavelmente, o modo de vida adequado, afinal, todos compartilhamos da ideia de

tentar aprimorar a vida em comum. Sobre esta vivência em comunidade, Bauman reflete que

> Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa (Bauman, 2003, p.7)

Já sobre pertencimento, podemos refletir, a partir da análise de Tuan (1977), geógrafo sino-americano cuja obra denominada Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência – estudou as relações do homem com o seu meio, como criamos vínculos e exploramos os espaços no nosso entorno. Para o autor, espaço e lugar são termos que indicam experiências comuns, entendendo o lugar como segurança e o espaço como liberdade. Ainda, incita a reflexão sobre de qual maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar, atribuindo à cultura como um fator explicativo.

O foco desta obra de Tuan não está no reconhecimento sobre a influência da cultura nas atitudes humanas, mas sim, na análise da cultura em sua infinita diversidade, abrangendo questões como aptidões humanas, capacidades e necessidades, e como a cultura intervém na construção do senso de pertencimento. Para Tuan:

> Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (Tuan, 1977, p. 6).

Considerando que todo cidadão tem direito ao acesso à cidade, e a partir disto, à construção de vínculos e de uma vida em comunidade, Henri Lefebvre, filósofo e sociólogo francês, publicou no ano de 1968 a obra “O Direito à Cidade”, na qual defende que o direito à cidade não poderia ser reduzido à garantia de condições mínimas de infraestrutura em um determinado espaço, mas sim, para que além das garantias fundamentais juridicamente constituídas também fosse priorizada a capacidade que o homem tem de transformar democraticamente o

espaço onde vive. Em sua obra, crítica a vida urbana regulada pelo cotidiano, sentidas majoritariamente pelas classes operárias que têm maior parte do seu tempo consumido pelo trajeto casa-trabalho, não sendo possível desta forma ter acesso a determinados recursos urbanos, principalmente relacionados ao lazer, que seria uma das fontes de qualidade de vida adequada tão valorizada pelos tratados de direitos humanos.

A perspectiva de Yi-Fu Tuan foi especialmente inspiradora na análise do Bairro Morro 25, pois me ajudou a enxergar como os moradores criam vínculos afetivos profundos com o lugar que habitam, mesmo enfrentando tantas adversidades. O conceito de "topofilia", que trata do apego emocional entre as pessoas e o espaço, trouxe uma nova dimensão para minha compreensão sobre o bairro. Percebi que o Morro 25 não é apenas um território marcado por vulnerabilidades, mas também um lugar de resistência, identidade e construção coletiva. Ao conversar com os moradores e observar suas rotinas, ficou claro que o sentido de pertencimento vai muito além da geografia física; ele está intrinsecamente ligado às histórias, às relações de vizinhança e à resiliência diante das dificuldades. Esse olhar mais sensível e atento, inspirado por Tuan, me permitiu interpretar o espaço não apenas como um cenário das desigualdades urbanas, mas como um lugar vivo, carregado de significados que moldam a identidade de quem o habita.

2.2 Arquitetura da Paisagem

Segundo Gordon Cullen, arquiteto britânico e autor do livro denominado Paisagem Urbana (1983), a paisagem pode ser definida como a manifestação visual e espacial do ambiente construído em áreas urbanas, formada pela interação de edificações, espaços públicos, elementos naturais, infraestrutura e atividades humanas. Ela reflete a história, cultura, economia e dinâmica social de uma cidade, expressando tanto a organização planejada quanto às transformações espontâneas do espaço urbano ao longo do tempo. Como cenário da vida coletiva, a paisagem urbana desempenha um papel essencial na percepção e experiência dos habitantes, influenciando a identidade, funcionalidade e qualidade do ambiente urbano.

A análise de sítios urbanos é um grande exercício de observação da vida nas cidades. Podemos definir como ‘paisagem’ tudo aquilo que o nosso olhar alcança, o

que vemos quando observamos o horizonte. Uma cidade não é somente um aglomerado de pessoas assentados numa determinada região. É também uma unidade geradora de recursos e bem estar que leva a maioria das pessoas preferirem viver em comunidade a viverem isoladas. Assim como uma junção de pessoas constroi uma identidade de lugar, que é composto pela diversidade existente em toda uma coletividade, o conjunto de elementos compositivos do espaço urbano construído constitui aquilo que podemos definir como imagem da cidade (Cullen, 1983).

Kevin Lynch, arquiteto norte americano, publicou em 1960 o livro “A Imagem da Cidade”. Nesta obra o autor se propõe a investigar a qualidade visual da cidade a partir da imagem mental que dela fazem seus habitantes, concentrando-se principalmente na clareza aparente da paisagem das cidades. A análise do autor aponta para a importância de reconhecer o espaço onde estamos inseridos e sermos aptos a identificar os elementos compositivos da cidade como ferramentas de apropriação do espaço, ou seja, a partir das vivências podemos associar a imagem da cidade a lembranças e significados (Lynch,1960).

> Os elementos de uma cidade e, em especial, as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores deste espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com outros participantes. Na maioria das vezes, nossa percepção da cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles (Lynch, 1960, p.22).

O autor considera que a cidade não é apenas um objeto percebido por diferentes perfis de pessoas, que advém de diferentes classes sociais, mas também o produto de diversos agentes que nunca deixaram de modificar sua estrutura. Ainda que possa permanecer estável por um tempo, estará sempre se modificando nos detalhes (Lynch, 1960).

Para estruturar os conceitos de análise urbana e a construção da imagem do ambiente, Lynch (1960) organiza o primeiro capítulo de sua obra em quatro tópicos: legibilidade, construção da imagem, estrutura e identidade e imaginabilidade. A legibilidade apresenta particular importância quando refletimos sobre os ambientes urbanos nas escalas de dimensão, tempo e complexidade. Trata-se da exploração dos sentidos fundamentais para a sobrevivência, de buscar recursos para conseguir

se orientar dentro da cidade. E nesta busca de recursos, o elo estratégico é a imagem ambiental, ou seja, a memória do mundo físico que cada indivíduo é portador. Esta imagem é oriunda tanto da sensação imediata ou da lembrança de experiências passadas e, desta forma, serve como um sistema provedor de referências, crenças e conhecimento (Lynch, 1960).

> Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social (...). Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta (...). Na verdade, um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana. Embora a vida esteja longe de ser impossível no caos visual da cidade moderna, a mesma ação cotidiana poderia assumir um novo significado se fosse praticada num cenário de maior clareza (Lynch, 1960, p.5).

A construção da imagem é vista por Lynch (1960) como a atribuição de elementos físicos que são perceptíveis de forma similar por um grupo de observadores inseridos em categorias similares, tais como idade, sexo, cultura, instrução, entre outros. Cada indivíduo cria sua própria imagem a partir de experiências individuais, no entanto, a manifestação coletiva destas imagens possibilita que os planejadores urbanos criem ambientes que venham a ser ocupados por várias classes de pessoas.

Na compreensão do autor, os elementos físicos perceptíveis pelo coletivo, construídos a partir da sobreposição de muitas imagens individuais, são classificados como vias, marcos, limites, pontos nodais e bairros. Cada um destes elementos remete às formas físicas, que apresenta suas características desempenhando uma função, seja social, psicológica, estética ou prática em nossas vidas (Lynch,1960).

As vias são os canais de circulação por onde o observador se locomove e por onde os demais elementos ambientais se organizam e se relacionam. Podem ser identificados como ruas, avenidas, estradas, enfim, todo trajeto que permita a circulação de pessoas. Algumas vias podem apresentar características importantes na construção da imagem da cidade, como, por exemplo, a concentração de alguma atividade específica ou uma determinada exposição visual que permite avistar outras

partes da cidade. Algumas delas podem carecer tanto de identidade que as tornam difíceis de serem encontradas.

Há vias que não apresentam continuidade, provocando aos transeuntes a sensação de falta de segurança. De modo geral, as vias que apresentam origem e destino bem delimitados, com forte identidade, ajudam a unir a cidade e dão ao observador um senso de direção sempre que este transita por elas. Quando a via possui qualidade direcional, ela pode ser imaginada em escala, e isto permite a localização dentro de uma totalidade. Esta localização é fundamental para a garantia da mobilidade urbana e para a interação entre ambientes naturais, construídos e culturais, principalmente no acesso a recursos existentes dentro da cidade (Lynch,1960).

Marcos são considerados pontos de referência de escala variável, cuja principal característica é a singularidade. Geralmente são elementos externos, ou seja, o observador não entra neles, e podem ser identificados de maneira muito simples: edifícios imponentes, grandes montanhas, torres de transmissão, enfim, elementos que são reconhecidos facilmente por vários ângulos e distâncias e que simbolizam uma direção constante a seguir. Nos ambientes construídos, são facilmente identificados pois tendem a se contrastar com o contexto no qual estão inseridos, geralmente implementados em lugares estratégicos que permitam sua rápida identificação (Lynch,1960).

Limites são elementos lineares, não entendidos como vias por um observador, que quebram uma continuidade. São fronteiras que não necessariamente isolam, mas que conferem unidade a duas áreas distintas: praias, margens de rios, arroios, lagos, cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. Os limites, assim como as vias, também podem apresentar qualidades direcionais, como por exemplo quando, numa cidade à beira de um rio, conseguimos distinguir claramente a água de um lado e a cidade do outro. Esses limites podem ser barreiras, naturais ou construídas, que separam uma região da outra, ou também costuras, que são linhas onde duas regiões se encontram e se relacionam. Ainda que não tão imponentes como o sistema viário e não necessariamente impenetráveis, os limites impõem importantes características organizacionais no espaço urbano e tendem a fragmentá-lo (Lynch,1960).

Pontos Nodais representam na cidade conexões de vias ou concentrações com características determinadas como, por exemplos, rótulas, praças, formas lineares com escala considerável ou mesmo uma centralidade bem definida. Se considerarmos uma escala regional ou estadual, até mesmo uma cidade inteira pode ser considerada um ponto nodal. São lugares estratégicos para os quais ou a partir dos quais o observador se locomove, representados por junções, locais de interrupção do transporte, cruzamentos e convergência de vias. Ainda, alguns destes pontos podem ser chamados de núcleos, pois tem a natureza tanto de conexão quanto de concentração, sendo geralmente perceptíveis em centralidades de bairro (Lynch,1960).

Os bairros são regiões relativamente grandes na cidade, com um perímetro usualmente delimitado e regulamentado pela municipalidade, com características construídas a partir de uma variedade de componentes: ocupações, espaço, forma, usos, zonas, atividades, habitantes, topografia, detalhes, história, cultura, topografia, símbolos, entre outros. Este conjunto de componentes quando reconhecidos a partir de características típicas do bairro passam a compor o que Lynch (1960) entende por unidade temática. Esta representa o contraste do bairro com o restante da cidade, ou seja, o que permite um bairro ser reconhecido de imediato dentro do contexto urbano. Alguns indicadores contribuem para a concepção da imagem do bairro, sendo o indicador social talvez o mais relevante deles. Como um elemento compositivo do espaço urbano, os bairros apresentam vários tipos de fronteiras, sendo umas bem definidas e precisas, outras mais flexíveis ou incertas. Algumas regiões apresentam poucas referências que as liguem à cidade ao seu redor, já outras são extremamente ligadas aos elementos que as cercam. Fato é que por onde quer que nos deslocarmos dentro destes limites, estaremos sempre dentro de um perímetro reconhecível dentro da cidade (Lynch,1960).

Os conceitos de estrutura e identidade são indissociáveis. O primeiro se refere à relação espacial entre o objeto de análise e o observador, enquanto o segundo implica no reconhecimento da individualidade. No estudo do ambiente urbano, inclui-se ainda o conceito de significado, seja prático ou emocional, que não é algo simples de mensurar visto que é construído a partir de vivências individuais muito específicas de quem associa uma determinada ocorrência a um determinado lugar, em um determinado período de tempo. Para que se possa identificar a

identidade do local, é necessária a compreensão da estrutura existente, ou seja, de que forma os espaços físicos estão dispostos e inter relacionados. A partir do reconhecimento destas estruturas poderemos atribuir características próprias de um determinado espaço e de que forma elas contribuem para a formação da identidade do lugar. Aqui também podemos traçar um paralelo com a teoria de Tuan, descrita anteriormente, quando consideramos que é a predisposição dos espaços físicos que promove o reconhecimento da identidade, e que a partir deste reconhecimento podemos criar vínculo com o lugar, provocando assim o senso de pertencimento (Lynch,1960; Tuan, 1977).

A imaginabilidade representa a característica presente num objeto físico que evoca no observador uma imagem sólida, podendo ser uma forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais muito claras, bem estruturadas e extremamente úteis ao ambiente. Podem ser definidas como o conjunto de características que são intensamente percebidas nos sentidos. Uma cidade facilmente ‘imaginável’ permite ao observador deslocar-se com facilidade pois através dos estímulos sensoriais, é possível adaptar sua vivência às suas necessidades (Lynch,1960).

Imprescindível no estudo da arquitetura da paisagem é o estudo das formas urbanas, que remete aos elementos físicos que estruturam e moldam as cidades como, por exemplo, as ruas, lotes, edificações, equipamentos urbanos, enfim, todos os elementos majoritariamente estáticos. Já a morfologia urbana se encarrega da análise da integração destas formas urbanas com os atores envolvidos nos processos de construção dos ambientes urbanos, como veremos a seguir.

Um dos grandes nomes do estudo da morfologia urbana é o arquiteto português José Manuel Ressano Garcia Lamas, autor do livro Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Em sua obra, o termo ‘morfologia’ é definido como o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto, a ciência que estuda as formas, interligando-as com seus fenômenos de origem. Cabe, deste modo, à morfologia urbana o estudo dos aspectos físicos do meio urbano e suas relações, definindo a paisagem urbana e sua estrutura a partir da observação dos diferentes elementos presentes no espaço, com a finalidade de explicar um fato concreto: a cidade como fenômeno físico e construído (Lamas, 1993).

Para a análise e compreensão da morfologia urbana, é necessário conhecer (1) o processo de formação da cidade, que é histórico e cultural, e (2) a forma urbana, que é a materialização da cidade que permite o desenvolvimento da vida humana em comunidade. Um estudo neste viés implica, necessariamente, na identificação da hierarquia dos elementos constituintes do espaço urbano e suas inter relações, na compreensão de como estes diferentes níveis foram se estabelecendo através do tempo e de que forma se consolidou a planificação e a definição do uso e ocupação do solo.

Segundo Lamas, no âmbito da arquitetura, cabe ao planejador urbano não somente a busca pela resolução de desafios impostos pelo espaço físico, mas também a necessidade de conexão entre presente, passado e futuro. A sensibilidade ao sítio, mas também ao contexto. Conhecer a origem do espaço urbano é tarefa fundamental para que a vivência da cidade seja considerada uma ferramenta de aprendizagem, reflexão e, sobretudo, de construção dos ambientes urbanos (Lamas, 1993).

A configuração da forma física da cidade reflete um conjunto muito amplo de fatores, como por exemplo os ambientais, econômicos, políticos e culturais, mas também é o resultado da produção voluntária do espaço. Lamas (1993), entende que o discernimento sobre este processo participativo auxilia na capacidade de resolução de questões relacionadas ao planejamento urbano a partir do conhecimento do comportamento, apropriação, utilização do espaço e a vida em comunidade. Na observação desta produção voluntária é que atua o arquiteto na concepção da forma do espaço humanizado (Lamas, 1993).

Compreender a forma urbana é entender a maneira como se organizam seus elementos físicos em relação ao ambiente o qual estão inseridos. A noção de forma se aplica a todo espaço construído em que o homem impôs a sua ordem, e refere-se ao meio urbano, tanto como objeto de análise quanto como objetivo final de concepção arquitetônica (Lamas, 1993). O autor define a forma urbana como:

> (...) aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. A forma, sendo o objetivo final de toda a concepção, está em conexão com o desenho, quer dizer, com as linhas, espaços, volumes, geometrias, planos e cores, a fim de definir um modo de

> utilização e de comunicação figurativa que constitui a arquitetura da cidade (Lamas, 1993, p.44).

Entendem-se como aspectos quantitativos indicadores como densidade, superfícies, fluxos, dimensionamentos, e qualquer outro utilizado para controlar aspectos físicos da cidade. A organização funcional relaciona-se com as atividades humanas (como por exemplo habitar, instruir-se, trabalhar...) e com o tipo de uso do solo (residencial, comercial, industrial...), ou seja, o uso o qual é destinado e o uso que dele se faz. Aspectos qualitativos são parâmetros utilizados para mensurar o conforto e a qualidade que o espaço oferece ao utilizador, especialmente no condizente a características que geram conforto e comodidade. Já os aspectos figurativos relacionam-se diretamente com a comunicação estética (Lamas, 1993).

A materialização da forma urbana está diretamente ligada ao contexto pelo qual foi concebida. Mesmo na presença de elementos morfológicos urbanos idênticos, é possível observar diferentes propostas de desenho urbano. O modo como se posicionam, se organizam e se articulam entre si alteram as formas urbanas, em atenção à necessidade de resposta a situações distintas (Lamas, 1993).

2.3 Comunidades

O conceito de comunidade refere-se a um grupo de pessoas que compartilham algo em comum, seja um espaço geográfico, interesses, valores, práticas culturais/religiosas ou objetivos. Esse termo é frequentemente associado à ideia de pertencimento, colaboração e interdependência entre os membros, que estabelecem relações sociais baseadas em identificação mútua, solidariedade ou reciprocidade. No âmbito geográfico, uma comunidade pode ser um bairro, vila ou cidade onde as interações são moldadas pelo cotidiano e pelo ambiente físico compartilhado. Em todas as suas formas, a comunidade é vista como um espaço social onde as necessidades coletivas e individuais se entrelaçam, influenciando a dinâmica social e o senso de pertencimento dos indivíduos (Bauman, 2003; Rossi, 1966).

Nesse sentido, o conceito de comunidade, segundo Silva e Hespanhol (2016), é um fenômeno histórico e social que assume diferentes significados dependendo do

contexto e do tempo. Ele envolve aspectos como territorialidade, interesses compartilhados, organização social e política, valores comuns e o sentimento de pertencimento.

No caso do Bairro Morro 25, em Lajeado/RS, essas reflexões são especialmente relevantes. A interação entre os moradores e o entorno, incluindo a relação com o Rio Taquari, que aqui não se apresenta somente como um limite geográfico como visto anteriormente na obra de Lynch (1960), evidencia características comunitárias que se expressam na busca por melhorias coletivas e na valorização do espaço local. Projetos como o parque planejado para o bairro reforçam a territorialidade e o senso de pertencimento, promovendo a coesão social e fortalecendo os vínculos entre os habitantes.

Os estudos sobre comunidade apontam duas abordagens principais. A primeira, de base clássica, apresenta a comunidade como um agrupamento humano caracterizado pela coesão social e relações recíprocas, estruturadas por laços de parentesco, amizade e vizinhança. Tönnies (1947; 1973) foi pioneiro ao explorar as diferenças entre comunidade e sociedade, destacando que as comunidades se formam inicialmente por vínculos naturais, como os de sangue, e depois pela proximidade física e espiritual. Ele identificou três tipos fundamentais de relações: parentesco, vizinhança e amizade. Para Tönnies, a família é o núcleo originário das comunidades, mas os laços de vizinhança e amizade também desempenham papel crucial na vida coletiva.

MacIver e Page (1973) ampliam essa perspectiva ao definir a comunidade como um espaço onde os indivíduos compartilham as condições essenciais para uma vida em comum, independentemente do tamanho ou da complexidade do grupo. Para esses autores, a localidade é um elemento central: seja em aldeias ou grandes cidades, as comunidades têm uma base territorial que sustenta as relações sociais e econômicas. Wirth (1973) complementa ao destacar que o estudo de uma comunidade envolve a compreensão de sua coesão interna e a delimitação de seu território, elementos fundamentais para entender a vida comunitária.

Por outro lado, autores contemporâneos como Bauman (2003) e Durham (2004) apontam para uma transformação na ideia de comunidade, especialmente

com o advento das tecnologias de informação. Bauman critica as concepções clássicas por sua ênfase na homogeneidade e destaca que as comunidades modernas enfrentam desafios ao lidar com a diversidade e as relações externas. Ele argumenta que o sentimento de pertencimento pode ser enfraquecido pela intensificação dos contatos entre "dentro" e "fora" da comunidade. Ao mesmo tempo, Durham enfatiza que, mesmo em comunidades marcadas por conflitos, existe um universo comum que sustenta o vínculo entre os membros.

Essas perspectivas podem ser relacionadas ao Bairro Morro 25, em Lajeado/RS. A proximidade física entre os moradores, típica de áreas urbanas, ainda é um fator importante para as relações de vizinhança. Contudo, projetos direcionados a cultura e o lazer, como a criação de um parque no bairro, explicam como intervenções territoriais podem fortalecer o sentimento de pertencimento e a solidariedade comunitária. Além disso, a urbanização e a modernização do bairro refletem as mudanças descritas pelos autores contemporâneos, em que novas dinâmicas sociais, influenciadas por tecnologias e padrões urbanos, moldam a vida comunitária. Assim, o Morro 25 exemplifica como a comunidade pode ser compreendida como um fenômeno em constante transformação, demonstrando resiliência e adaptando-se às demandas e aos desafios do mundo moderno.

A periferia[10], comumente associada às margens dos centros urbanos, é um reflexo claro das desigualdades sociais que marcam as grandes cidades, especialmente no que diz respeito ao acesso a bens essenciais como saúde, educação e segurança. As áreas periféricas, muitas vezes, abrigam bairros e aglomerados habitacionais sem o devido planejamento urbano ou saneamento, resultando em uma precariedade notável no atendimento das necessidades básicas dos moradores. Essa concentração das populações de baixa renda em espaços marginalizados representa uma clara expressão de pobreza, caracterizada pela escassez de recursos e serviços públicos.

Segundo Valadares (2015), os bairros periféricos historicamente foram associados a espaços insalubres e desprovidos de regulamentação, tratados como

[10] A diferenciação dos termos ‘periferia’ e ‘área periférica’ está na empregabilidade dos termos. Enquanto o primeiro tende a ser usado em contextos sociais específicos, frequentemente associado a regiões de perfil socioeconômico de baixa renda, o segundo assume um viés mais técnico e neutro, aplicado tanto em áreas urbanas como em áreas rurais. Ainda, para fins de instigar ainda mais a reflexão sobre o tema, convém lembrar que, na geografia, tudo que não é centro, é periférico.

um problema moral e social. No caso do Bairro Morro 25, localizado em Lajeado, essa percepção ainda persiste entre os entrevistados, que destacam a escassez de serviços essenciais, como atendimento especializado em pediatria e odontologia, além de uma infraestrutura deficiente que não atende à demanda da população, especialmente após as enchentes que afetaram a região. Apesar disso, a mobilização da comunidade por meio de associações de moradores tem sido uma resposta importante à falta de serviços públicos adequados, revelando um protagonismo local que busca soluções para os problemas enfrentados no dia a dia.

A presença de equipamentos urbanos como escolas e postos de saúde é um ponto positivo destacado pelas falas, mas as limitações desses serviços, especialmente em momentos de crise, reforçam a percepção de vulnerabilidade. Esse cenário evidencia a realidade de muitos bairros periféricos, onde a pobreza urbana, como discutido por Pasternak e Ottaviano (2010), se perpetua devido à escassez de moradias populares e à alta concentração de renda e trabalho nos centros urbanos, enquanto a periferia se vê forçada a conviver com a carência de serviços essenciais. No caso de Morro 25, a percepção de exclusão é ainda mais aguda quando se observa a dificuldade dos moradores em acessarem serviços especializados e de alta demanda, que são fundamentais para o bem-estar social.

A forma como o poder público lida com essas áreas periféricas também é mencionada pelos moradores, que criticam o descaso em relação às necessidades básicas da população. Assim como em outros bairros periféricos, a invisibilidade social e a estigmatização do Bairro Morro 25 muitas vezes o coloca como um espaço marginalizado, visto apenas como um problema a ser resolvido. Esse tratamento evidencia a ideia de que a periferia é um reflexo da desigualdade, mas também um espaço de resistência e de luta por melhorias, com os moradores do bairro exercendo seu protagonismo na busca por uma cidade mais igualitária, como evidenciam os depoimentos das entrevistas realizadas.

Importante destacar, ou diferenciar, os conceitos de comunidade e de bairro, que em algum determinado momento podem se fundir representando uma coisa só, principalmente quando falamos de territórios periféricos na cidade. Complementando a conceituação de Lynch, vista anteriormente, Rossi (1966) conceitua o bairro como um setor da forma da cidade, que é caracterizado por uma paisagem urbana, por

sua representatividade social e por uma função, sendo que uma mudança nestes elementos seria o suficiente para delimitar o limite do bairro. Ainda, Rossi elucida que:

> "(...)Também aqui é necessário ter presente que a análise do do bairro como fato social baseado na segregação de classe ou de raça, nas funções econômicas ou, em todo caso, na camada social correspondente indubitavelmente ao mesmo processo de formação da metrópole moderna, e isso é verdade tanto para a Roma antiga quanto para as grandes cidades de hoje. Mas sustentamos aqui que esses bairros não são tão subordinados um ao outro, mas partes relativamente autônomas; suas relações não são explicáveis como uma simples função de dependência, mas devem ser referidas a toda estrutura urbana (Rossi, 1966).

Já sobre as construções sociais que envolvem o termo 'comunidade' , e sua função social relatada por Rossi, Carlos (1992) retrata o ambiente urbano como um espaço complexo e dinâmico, onde se entrelaçam as dimensões sociais, econômicas e sociais. Deste modo, ela não considera a cidade somente como um meio físico, cuja paisagem geográfica é a forma exterior percebida à primeira vista do observador, mas sim, um espaço humano, histórico e simbólico, cujas interações foram moldadas pela interação e a vivência dos envolvidos. A autora ainda nos traz que, a partir da observação paisagem urbana podemos definir dois elementos fundamentais: o primeiro é o espaço construído, representado pela imobilidade das construções, e o segundo diz respeito ao que ela chama de "movimento da vida", que é justamente o que o senso de comunidade provoca, ainda que imperceptivelmente: a impermanência das relações sociais moldado pelo momento do cotidiano da vida das pessoas que ali moram, trabalham e se locomovem (Carlos, 1992, p. 38-44).

Zygmunt Bauman (2005), sociólogo e filósofo polonês, em sua obra intitulada "Comunidade: a busca por segurança no mundo atual", explora a ideia de comunidade como um anseio humano por pertencimento e segurança em um mundo cada vez mais individualista e incerto. Ainda, o autor faz reflexoes sobre o que a comunidade, e o espaço privado do lar, representa na vida do trabalhador, que tem nesta sociedade capitalista, sua jornada diária dividida em dois tempos: o de produção (direcionado à força do trabalho) e o do descanso (ou interações

comunitárias), sendo um representado por um regime disciplinar rigoroso e outro pela fluidez das relações sociais (Bauman, 2005, p.62-65).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo será descrito o percurso metodológico que foi desenvolvido durante a pesquisa, conforme a necessidade de delineamento deste estudo. O percurso escolhido foi considerado o mais adequado para a investigação realizada, sendo que todos os métodos buscaram investigar a relação entre o habitante e o meio que o cerca, numa escala regional, com perímetro de um bairro delimitado, qual seja, o bairro Morro 25, localizado no Município de Lajeado/RS.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Para atingir o propósito deste trabalho, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem quanti-qualitativa, pois esta visa analisar os aspectos que contribuem para o desenvolvimento de uma determinada localidade dentro do município, bem como, a exploração de particularidades acerca do tema e sua representatividade nesse cenário. De acordo com Gil (2017, p. 41), a pesquisa exploratória "[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...] tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições". Ainda, Dal-Farra e Lopes (2013, p. 71), elucidam que:

> [...] os estudos quantitativos e qualitativos possuem, separadamente, aplicações muito profícuas e limitações deveras conhecidas, por parte de quem os utiliza há longo tempo. Por esta razão, a construção de estudos com métodos mistos pode proporcionar pesquisas de relevância com *corpus* organizado de conhecimento, desde que os pesquisadores saibam identificar com clareza as potencialidades e as limitações no momento de aplicar os métodos em questão.

Quanto ao objetivo, esta pesquisa classifica-se como descritiva. Gil (2017, p. 42) elucida que *"[...] a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o*

estabelecimento de relações entre variáveis [...] tendo como uma de suas características mais significativas a técnica de coleta de dados. O quadro abaixo sintetiza o exposto, já direcionando a metodologia à análise e discussão dos resultados obtidos:

Quadro 1 - objetivos e métodos

	OBJETIVO	MÉTODOS	RESULTADOS ESPERADOS
1.	Apresentar a evolução histórica do território do Vale do Taquari.	pesquisa bibliográfica e documental	Desenvolvimento de mapas que ilustram a evolução histórica da região.
2.	Identificar o processo de urbanização do Município de Lajeado/RS e a formação dos bairros.	pesquisa bibliográfica e documental	Análise da evolução do espaço urbano por meio de dados históricos, descritivos e explicativos.
3.	Reconhecer parâmetros técnicos e históricos no que concerne à evolução morfológica do espaço urbano, especialmente no bairro analisado.	visita *in loco* coleta de dados e pesquisa bibliográfica	Coleta de dados quantitativos e qualitativos que contribuam para a compreensão detalhada do bairro.
4.	Conceituar termos comuns às dinâmicas do habitar, como morar, viver, abrigar, e também espaço, território, paisagem, lugar e territorialidade.	pesquisa bibliográfica	Maior clareza sobre os conceitos fundamentais ao estudo de dinâmicas urbanas e habitacionais.
5.	Compreender as dinâmicas do morar, sob a perspectiva dos moradores.	entrevista semiestruturada com as lideranças da comunidade	Identificação qualitativa do bairro, com foco na percepção e vivência dos moradores locais, utilizando categorias e análises de conteúdo das falas.

Fonte: da autora (2024)

3.2 Local de pesquisa

O bairro Morro 25 está situado na cidade de Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul, e faz parte do município de Lajeado, que integra a região do Vale do Taquari. Geograficamente, o bairro é delimitado por uma combinação de características naturais e urbanísticas que o tornam um espaço único. O relevo da região, com suas áreas de morros e vales, marca a configuração do bairro, com o Morro 25 se destacando como uma elevação significativa na paisagem local. Essa

formação geográfica tem forte impacto nas dinâmicas de ocupação e uso do solo, influenciando a infraestrutura urbana e as condições de habitabilidade.

A localização do bairro em relação ao centro da cidade e às áreas adjacentes configura uma área periférica, mas de grande importância histórica e social. O bairro é contornado por diversas vias principais, sendo a principal via de acesso a Avenida Beira-Rio, denominado popularmente como "Avenida dos Municípios", que liga o bairro ao centro urbano de Lajeado. Essa via, além de ser uma das principais conexões de transporte, também se tornou um ponto de referência para os moradores.

O nome "Morro 25" carrega um simbolismo local, com a referência direta à elevação geográfica e ao número 25, que se tornou um marco na memória do bairro e da cidade. A designação "Morro" sugere uma inclinação do terreno que caracteriza não apenas o relevo, mas também a organização do espaço e a maneira como os habitantes se relacionam com a área, afetando diretamente as características do urbanismo local, como a disposição das ruas e das construções.

A geografia do bairro também é marcada por importantes áreas verdes e rios que atravessam a região, oferecendo elementos naturais que interagem diretamente com a ocupação humana. Esses elementos naturais, além de contribuírem para a paisagem do bairro, desempenham um papel essencial na dinâmica de drenagem e na questão dos riscos ambientais, como o alagamento e a erosão, que, ao longo dos anos, têm afetado diferentes partes do Morro 25.

Abaixo, é possível ver a localização do bairro no município de Lajeado, dentro do contexto mais amplo da região do Vale do Taquari. O mapa mostra a delimitação do perímetro do bairro, destacando as principais vias de acesso, espaços de convivência e as áreas que compõem sua paisagem urbana (FIGURA 1).

Este bairro, como muitos em áreas periféricas das cidades, enfrenta desafios tanto do ponto de vista urbanístico quanto social. Além de ser uma área com grande potencial para a pesquisa sobre as condições de vida e de habitação, o Morro 25 representa um microcosmo das dinâmicas urbanas do município. Sua história é marcada por transformações, resistências e pela busca por reconhecimento e melhorias nas condições de vida de seus habitantes. A geografia do local e sua

configuração histórica estão intimamente ligadas às questões de identidade e pertencimento dos moradores, sendo elementos essenciais para entender os processos sociais e urbanos que caracterizam este bairro.

Figura 1 - mapa de localização

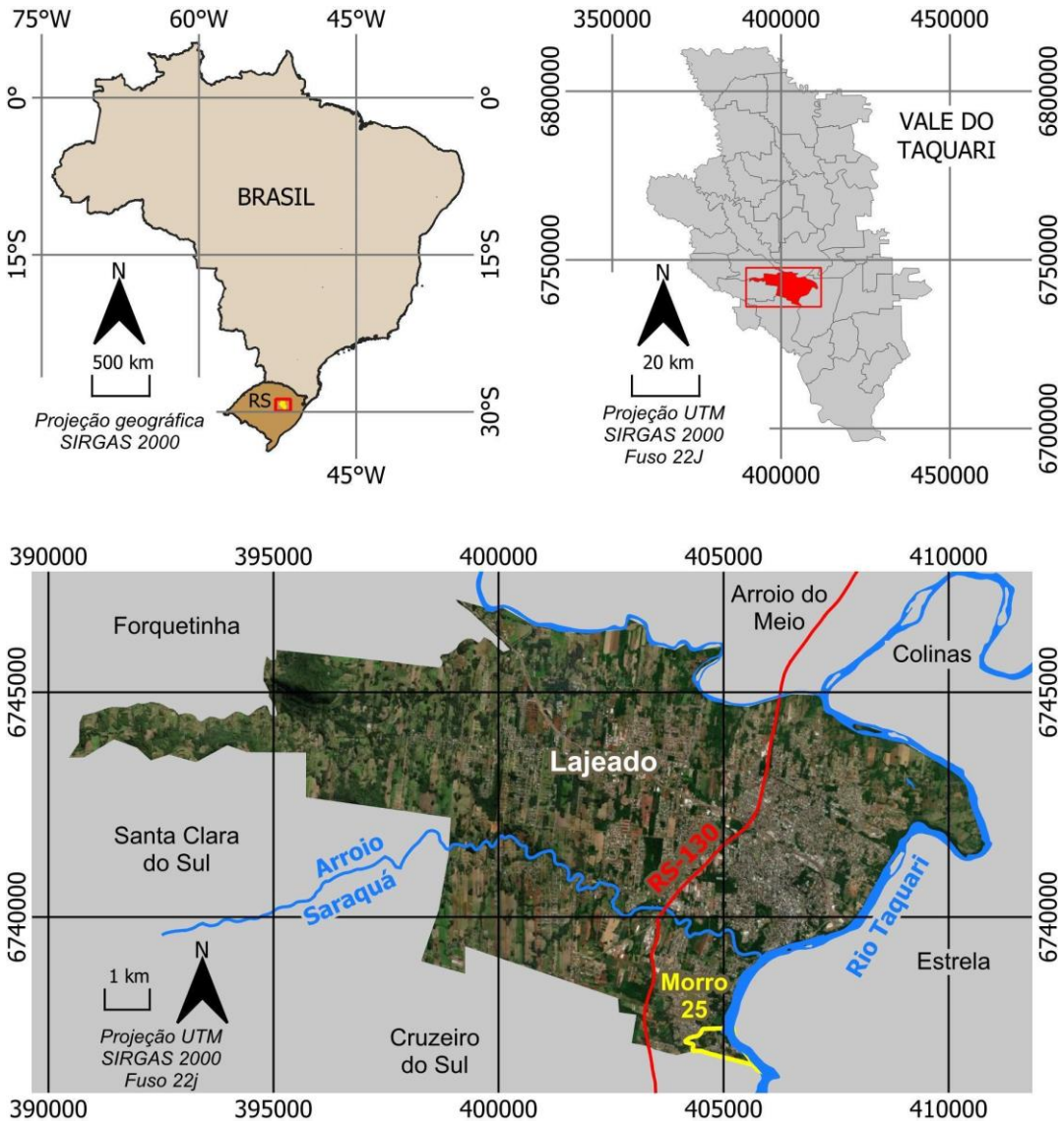


Figura 1: Localização de Lajeado no Vale do Taquari, com destaque para o Morro 25. Fonte: colaboração de Karla Petry (2024)

3.3 População e Amostra

A população alvo da pesquisa é composta pelos moradores do bairro Morro 25. A amostra foi constituída pelos agentes locais que participaram do processo de entrevista, com ênfase nas lideranças comunitárias e nos moradores, os quais foram identificados pelos próprios residentes do bairro. Inicialmente, o objetivo da pesquisa era entrevistar o maior número possível de moradores.

No entanto, devido à severa enchente que atingiu a cidade em maio de 2024, que causou a devastação de diversos bairros, incluindo o Morro 25, a amostra foi redimensionada, limitando-se aos membros da Associação de Moradores do bairro, em razão das dificuldades impostas pela tragédia e das consequências diretas no cotidiano da comunidade.

3.4 Instrumento de Coleta de Dados

Um dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa foi a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi a busca e análise de informações atualizadas sobre o tema. Para tanto, foram consultadas fontes acadêmicas e científicas, como livros publicados, teses, dissertações, artigos especializados e legislação pertinente, tanto de referência nacional quanto internacional.

A pesquisa bibliográfica possibilitou uma abordagem detalhada sobre o estado da arte no tema, permitindo compreender as discussões teóricas e as abordagens existentes. Além disso, foi realizado um levantamento de dados em sites de agências especializadas, com o intuito de acessar relatórios e estudos produzidos por instituições de pesquisa e órgãos competentes, que fornecem dados empíricos e análises críticas sobre o fenômeno investigado. Esse procedimento serviu para embasar o estudo e contextualizar a pesquisa no panorama atual das discussões acadêmicas e profissionais relacionadas ao tema.

Para conhecer a realidade local, considerou-se imprescindível a realização de entrevistas semiestruturadas com agentes locais, sempre respeitando os princípios éticos de pesquisa e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). De acordo com Gil (2017, p. 117), a entrevista “é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com

o objetivo de obter dados que lhe interessam à investigação.” Neste trabalho, buscou-se conversar com as lideranças de bairro, ou seja, pessoas que estão inseridas no meio e/ou que tenham notório saber sobre a comunidade. Inicia-se com alguns entrevistados pré-definidos e, a partir destes, buscou-se outros que também possam contribuir com o objetivo da pesquisa.

Partindo da premissa de utilizar minha falta de familiaridade com o objeto de estudo como um recurso metodológico, iniciei a investigação acerca do bairro Morro 25, um espaço até então desconhecido para mim no momento da realização das entrevistas. A abordagem inicial do projeto previa a coleta de depoimentos do maior número possível de moradores em um período delimitado de tempo. Contudo, os planos sofreram uma reconfiguração significativa devido à enchente de maio, um evento extremo que impactou profundamente o bairro, afetando grande parte de seus moradores de maneira direta ou indireta. Diante da fragilidade e vulnerabilidade decorrentes dessa catástrofe, optei por adaptar a metodologia de forma a priorizar os membros da Associação dos Moradores do Bairro Morro 25 como representantes da comunidade neste trabalho acadêmico. Essa escolha visou respeitar as condições excepcionais enfrentadas pelos moradores, sem comprometer a qualidade e a relevância das informações obtidas para a pesquisa.

A escolha dos entrevistados foi realizada com base em uma abordagem estratégica e em um vínculo de confiança estabelecido com a comunidade local. Inicialmente, estabeleci contato com a Assistente Social, Carine Bagestan, que foi uma conhecida durante um trabalho voluntário realizado na época da enchente, cujo qual me apresentou a presidente da associação de moradores. A partir do seu contato, entrei em contato via WhatsApp para iniciar as tratativas e agendar a entrevista. A diretoria da associação se mostrou, de imediato, disposta a colaborar com o estudo, o que facilitou o acesso ao grupo de moradores.

Embora a presidente tenha convidado aproximadamente dez pessoas para participar, apenas quatro membros da associação, todos moradores do bairro, compareceram à entrevista. Esse grupo foi selecionado por sua experiência e envolvimento com a realidade local, o que os tornava fontes privilegiadas para o levantamento de informações sobre a vivência comunitária. A entrevista foi conduzida de forma semi-estruturada e aberta, com duração aproximada de três

horas e meia, e busquei explorar as percepções dos sujeitos sobre questões socioeconômicas, culturais e urbanísticas do bairro, sempre com o intuito de obter um panorama abrangente das condições e desafios vivenciados pela comunidade.

Com a finalidade de direcionar a entrevista à obtenção de respostas relacionadas ao tema de pesquisa, as perguntas foram previamente elaboradas seguindo os seguintes eixos: percepção de atributos socioeconômicos, ambientais, culturais e sociais e tópicos relacionados aos equipamentos urbanos existentes no bairro. Dentro destes tópicos, foram elaboradas questões onde o entrevistado era estimulado a pensar e falar livremente acerca do tema investigado.

Para estimular o diálogo, foi acordado no início da entrevista que as questões serviriam como base para o raciocínio, mas que o entrevistado tinha total liberdade para direcionar suas respostas da forma que melhor ponderasse. Esta liberdade contribuiu para que o entrevistado construísse sua linha de raciocínio sem a interferência do entrevistador, e permitiu que o mesmo fornecesse mais detalhes do seu cotidiano de forma espontânea.

Após a realização da entrevista, que foi gravada em sua totalidade, a transcrição da mesma, que foi realizada simultaneamente ao período de gravação, foi conferida pelos entrevistados, para que pudessem fazer possíveis correções ou complementar com algum dado que julgassem relevante. Somente após a conferência dos dados pelos entrevistados iniciou-se a etapa de transcrição e correção gramatical, seguida da análise e desenvolvimento do trabalho escrito. Os entrevistados optaram por não serem fotografados, alegando preferir manter a discrição, o que resultou na ausência de registros fotográficos durante a convivência na entrevista.

3.5 Sujeitos da Pesquisa

Os entrevistados são moradores do bairro Morro 25, com diferentes perfis e histórias de vida que refletem a diversidade da comunidade. E1, Taiene Marina do Couto, é a presidente da Associação de Moradores, e tem uma forte ligação com o bairro, pois mora lá desde sua infância, assim como seu esposo, E2, Edson Luis de

Castro, que também ocupa o cargo de vice-presidente da associação. Ambos destacam a longa história de suas famílias na região, que residem no bairro há várias décadas. E3, Liamar Landini, é moradora do bairro há 8 anos, tendo se mudado para a localidade devido à proximidade com seu local de trabalho, no município vizinho de Cruzeiro do Sul. E4, Mairon Alves da Silva, também tem raízes no bairro, já que seus bisavós e avô, um marinheiro, também residiam na região. A maioria dos entrevistados compartilha uma percepção de que o bairro atrai famílias devido à acessibilidade do terreno e à proximidade com o Rio Taquari, além da conexão com outros municípios vizinhos.

Os sujeitos entrevistados, a partir deste ponto referidos como moradores ou habitantes do bairro Morro 25, foram selecionados por residirem na localidade. São pessoas que circulam ativamente na comunidade e utilizam os espaços que a compõem. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE), autorizando a utilização de suas entrevistas como parte desta pesquisa.

Para a análise dos dados, foi adotada a técnica de análise de conteúdo, conforme descrita por Bardin (2006), que a define como um conjunto de métodos sistemáticos e objetivos para examinar e descrever o conteúdo das mensagens. Diante dessa diversificação e aproximação terminológica, optou-se por seguir as etapas da técnica propostas por Bardin (2006), que as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Essa abordagem permite uma interpretação profunda e estruturada das falas dos entrevistados, facilitando a identificação de padrões, temas recorrentes e significados subjacentes nas comunicações analisadas, de maneira sistemática e objetiva.

4 VALE DO TAQUARI, LAJEADO E BAIRRO MORRO 25

Nesta seção, definiremos o locus de estudo desta pesquisa, em três escalas distintas: regional, municipal e de bairro. Esta abrangência busca compreender a hierarquia urbana do território onde o bairro está inserido, bem como trazer dados quanti-qualitativos sobre o perímetro indicado.

4.1 O Vale do Taquari e o Município de Lajeado

Situado na região central do Rio Grande do Sul, a região do Vale do Taquari é formada por 36 municípios que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), totalizam 4825,83 km² de área total (IBGE, 2022). Distante cerca de 120 km da capital Porto Alegre, apresenta localização estratégica. Dispõe dos modais rodo, ferro e hidroviário para circulação de mercadorias e do modal rodoviário para circulação de passageiros, com importantes conexões a outras regiões do estado, país e exterior.

Conforme dados do IBGE (2022), a região do Vale do Taquari conta com 361,419 habitantes (correspondente à 3,33% da população do estado), resultando numa densidade demográfica de 74,90 habitantes/km², superior à média do RS, que é 38,63 habitantes/km² (IBGE, 2022). Nesse cenário, os dois maiores municípios do Vale, a saber, Lajeado e Teutônia, concentram quase 35% da população total e exercem centralidade na região, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Municípios do Vale do Taquari

VALE DO TAQUARI					
MUNICÍPIO		POPULAÇÃO	%	ÁREA (km²)	DENSIDADE
1º	**Lajeado**	93646	25,91	91,23	1026,47
3º	**Teutônia**	32797	9,07	177,80	184,47
2º	**Estrela**	32183	8,90	185,03	173,94
4º	**Taquari**	25198	6,97	349,97	72,00
5º	**Encantado**	22962	6,35	140,01	164,01
6º	**Arroio do Meio**	21958	6,08	157,09	139,78

8º	**Bom Retiro do Sul**	12294	3,40	102,54	119,89
7º	**Cruzeiro do Sul**	11600	3,21	155,06	74,81
9º	**Roca Sales**	10418	2,88	208,11	50,06
10º	**Arvorezinha**	10332	2,86	269,31	38,36
11º	**Paverama**	7978	2,21	171,86	46,42
14º	**Santa Clara do Sul**	6887	1,91	86,44	79,67
13º	**Anta Gorda**	5957	1,65	242,10	24,61
12º	**Progresso**	5340	1,48	256,04	20,86
15º	**Muçum**	4601	1,23	111,25	41,36
17º	**Tabaí**	4461	1,23	94,75	47,08
20º	**Fazenda Vilanova**	4291	1,19	84,79	50,60
18º	**Ilópolis**	4157	1,15	123,60	33,63
19º	**Marques de Souza**	3969	1,10	125,71	31,57
16º	**Putinga**	3747	1,04	216,16	17,33
24º	**Westfalia**	3098	0,86	63,67	48,66
21º	**Dois Lajeados**	3097	0,86	133,54	23,19
23º	**Imigrante**	3080	0,85	71,72	42,95
22º	**Nova Bréscia**	3044	0,84	102,99	29,56
25º	**Capitão**	2921	0,81	73,97	39,49
27º	**Colinas**	2423	0,67	60,73	39,90
26º	**Forquetinha**	2393	0,66	93,28	25,66
32º	**Poço das Antas**	2171	0,60	67,62	32,11
28º	**Travesseiro**	2152	0,60	80,68	26,67
29º	**Sério**	1941	0,54	98,13	19,78
31º	**Doutor Ricardo**	1888	0,52	107,96	17,49
34º	**Pouso Novo**	1875	0,52	105,36	17,80
33º	**Vespasiano Correa**	1818	0,50	113,62	16,00
30º	**Relvado**	1796	0,50	108,19	16,60
35º	**Canudos do Vale**	1656	0,46	82,91	19,97
36º	**Coqueiro Baixo**	1290	0,36	112,64	11,45

Totais:	**361419**	**100,0**	**4825,83**	**74,89**
	habitantes	%	km²	hab/km²

Fonte: Da autora, adaptado de IBGE (2022).

Nos últimos anos, a densidade demográfica da região do Vale do Taquari tem superado o crescimento e a evolução do estado gaúcho. Com a maior concentração de população, encontra-se o município de Lajeado, com 1026,47 habitantes/km². Na segunda posição, aparece Teutônia com 177,80 habitantes/km². Registra-se que 25 dos 36 municípios do Vale têm densidade demográfica inferior a 50 habitantes/km² (IBGE, 2022).

Na economia regional, predominam as indústrias de transformação, com o maior número de estabelecimentos e de trabalhadores formais. Dentre os segmentos desse grupo, destacam-se a fabricação de produtos alimentícios, artefatos de couro, metalurgia, produtos de madeira e confecção de artigos de vestuário. Nos pequenos municípios se destaca o setor de agropecuária, enquanto nos municípios maiores, sobressaem-se as atividades ligadas à indústria e ao setor de comércio e serviços. Conforme dados da Federação de Economia e Estatística (FEE), o Vale do Taquari ocupa a 6ª posição no ranking estadual de maior renda per capita[11], entre as 28 divisões setoriais do RS, provido, majoritariamente, pela indústria (6ª posição no ranking estadual), agropecuária (10ª posição) e comércio e serviços (9ª posição). (RIO GRANDE DO SUL, 2015).

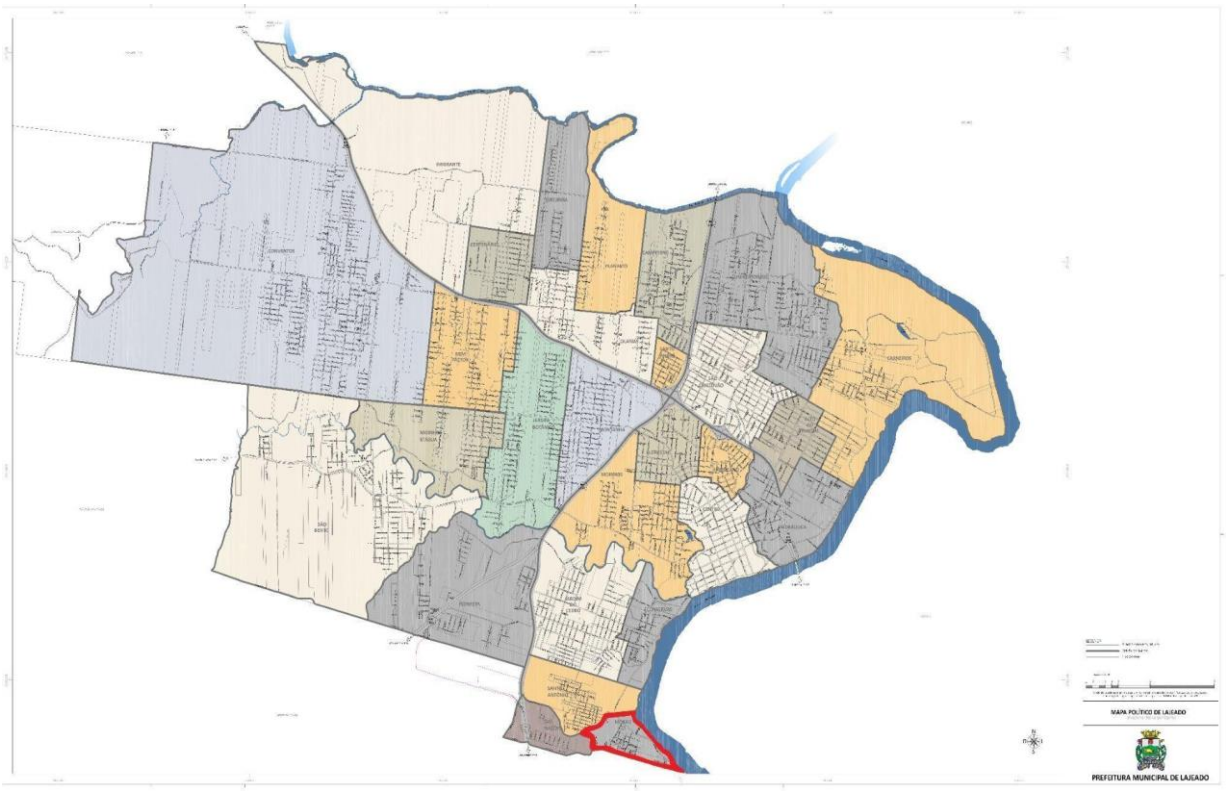
Localizado na região central do Rio Grande do Sul, e distante cerca de 120 km da capital Porto Alegre, o Município de Lajeado tem a maior densidade demográfica da região do Vale do Taquari, com população de 93.646 habitantes (IBGE, 2022). Se caracteriza como um importante centro econômico, com localização que permite importantes conexões a diversas regiões do estado e do país. Junto com a segunda maior cidade, Teutônia (32.797 habitantes), este concentra quase 35% da população total desta região, sendo que nesta cidade estão localizadas importantes instituições de pesquisa e ensino, centros de formação de mão de obra, serviços de saúde e grandes indústrias de transformação, especialmente no segmento de fabricação de produtos alimentícios (IBGE, 2022).

Cumpre salientar que, segundo dados da Câmara de Dirigentes Lojistas do Município de Lajeado (CDL), 67 empresas do município tiveram suas instalações atingidas pelas inundações das últimas três enchentes, ocasionando prejuízos inestimáveis à economia local. Na inundação de maio de 2024, o transporte de passageiros e cargas foi severamente prejudicado, ocasionando déficit de abastecimento e consumo em todas as cidades do Vale do Taquari. Até a data da conclusão da escrita deste trabalho, grande parte das infraestruturas atingidas pelas inundações não haviam sido restabelecidas nas cidades do Vale, incluindo habitações, transportes e infraestrutura urbana.

[11] A renda per capita é um indicador socioeconômico que mede o grau de desenvolvimento econômico de um país ou região. É obtida mediante a divisão da Renda Nacional, isto é, Produto Nacional Bruto (PNB) menos os gastos de depreciação do capital e os impostos diretos, pelo número de habitantes do país.

Na Figura 2 podemos observar o mapa político do Município de Lajeado e seus 28 bairros, com destaque para o perímetro do bairro objeto de estudo.

Figura 2 - mapa político do Município de Lajeado



Fonte: adaptado de Prefeitura Municipal de Lajeado (2024)

4.3 O Bairro Morro 25

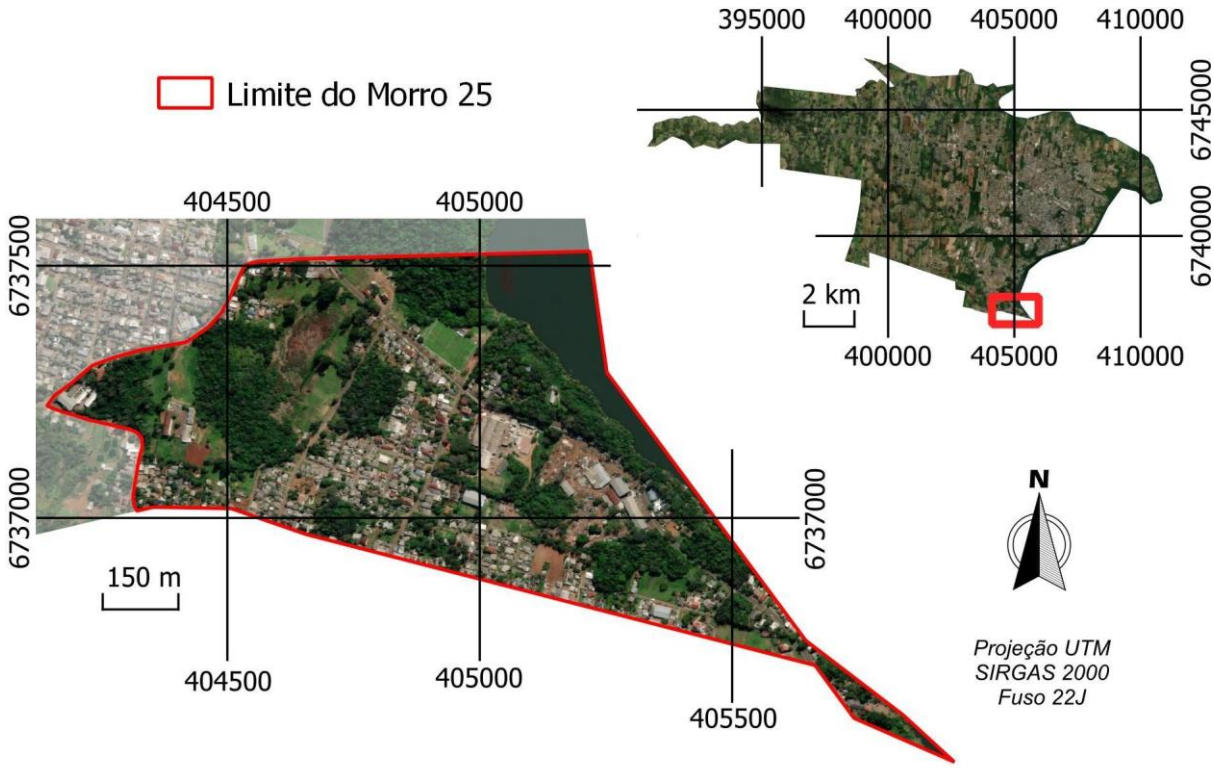
O Bairro Morro 25 está situado na zona sul do Município de Lajeado. Faz divisa com os bairros Santo Antônio e Das Nações, Rio Taquari e território do Município de Cruzeiro do Sul. Segundo dados do IBGE (2010) são 307 domicílios ocupados, totalizando uma população de 1316 pessoas. O bairro foi criado em 04 de novembro de 1994, no entanto, suas atuais confrontações só foram estabelecidas em 14 de outubro de 1998. Sobre a origem do bairro, informações constantes no site da Prefeitura Municipal relatam o seguinte:

> Já foi identificado também por Morro dos Wiebbelling, pois lá moravam Teodoro Wiebbelling e Luís Filipe Rodrigo Wiebbelling. A denominação vem de uma antiga Sociedade 25 de Julho, formada pelos sócios da Fábrica de Conservas Oderich e de grande número de imigrantes e teuto-brasileiros

> residentes na então picada São Bento, hoje dividida em Bairro Conservas, Morro 25 e Passo de Estrela. Havia também sócios da cidade de Estrela, que atravessavam o rio para participar de suas festas e promoções. Um dos líderes que mais se destacou nesta Sociedade Alemã 25 de Julho foi Teodoro Wiebbelling (Prefeitura Municipal de Lajeado, 2023).

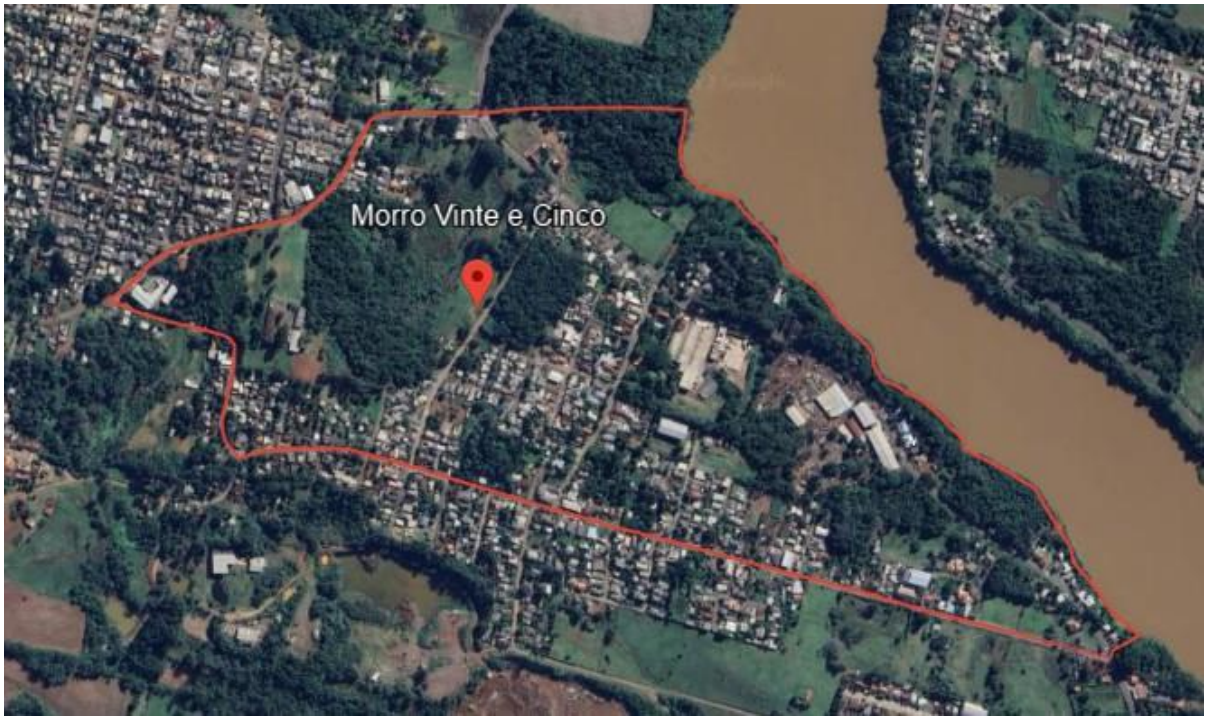
Este bairro, juntamente com Santo Antônio, Nações, Jardim do Cedro e Conservas, forma o conjunto de localidades que historicamente são conhecidas como ‘comunidades pra lá do Saraquá’, em referência ao arroio que nasce a oeste do Município de Santa Clara do Sul e desemboca na margem direita de uma das curvas do rio Taquari, em Lajeado. Essa segregação construída a partir de um limite geográfico isola estas localidades, que são culturalmente conhecidas como as mais carentes do município e também as com maior índice de criminalidade, conferindo a esses bairros características que não são bem vistas aos olhos dos moradores dos outros bairros da cidade.

Figura 3 - Perímetro do bairro Morro 25



Fonte: colaboração de Karla Petry (2024)

Figura 4 - Perímetro do bairro Morro 25 - satélite



Fonte: adaptado de Google Maps (2023)

Um elemento que merece destaque, é a importância de realizar pesquisas históricas e arqueológicas aprofundadas sobre as primeiras ocupações do território que hoje corresponde ao Bairro Morro 25, em Lajeado, pois entender a formação e a evolução desse espaço ao longo do tempo é importante. Atualmente, não há estudos arqueológicos ou históricos sistemáticos que remontam às primeiras habitações na área, o que resulta em uma lacuna no conhecimento sobre a origem e a transformação dessa comunidade.

As raras informações disponíveis, muitas vezes fragmentadas e superficiais, estão restritas a relatos jornalísticos esparsos, que, embora úteis, não oferecem uma visão ampla e detalhada da ocupação do território e das dinâmicas sociais que ali ocorreram. A escassez de pesquisa aprofundada impede que se compreenda de maneira adequada como o bairro foi formado, quais foram as influências sociais, econômicas e culturais que moldaram seu desenvolvimento e como as comunidades locais interagiram com o território ao longo do tempo.

Uma investigação mais aprofundada, que inclua tanto fontes históricas quanto estudos arqueológicos, permitiria recuperar essas narrativas esquecidas,

proporcionando uma visão mais completa sobre a história local, além de contribuir para o reconhecimento e valorização da memória do Morro 25.

Figura 5 - A fábrica de conservas Oderich, instalada na década de 1920 em Lajeado, foi um marco na transformação das extensas propriedades rurais dos bairros Conservas, Morro 25 e Nações em áreas urbanas em processo de industrialização.



Fonte: Arquivo Grupo A Hora, 2024.

Em levantamento publicado também pela municipalidade, elaborado a partir de uma contagem da população realizada nos anos de 1996 e 2007, e dados do Censo Demográfico do IBGE dos anos 2000 e 2010, observa-se que a população do bairro foi crescendo durante os anos. Embora não conste dados na contagem de 96, no ano 2000 a população que era de 1258 pessoas passou a ser de 1316 em 2010, representando um aumento de 4,6% do total de habitantes no período de 10 anos (Município de Lajeado, 2023).

Conforme dados coletados no site do Município de Lajeado, o bairro conta com duas instituições de educação básica: A Escola Municipal de Educação Infantil Mundo Encantado e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Lopes da Silva. Embora a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal esteja situada dentro do perímetro do bairro Morro 25, seu endereço na municipalidade ainda consta como bairro Santo Antônio.

O atendimento de saúde é feito pela Estratégia de Saúde da Família (antigamente conhecido como Posto de Saúde), localizado no centro do bairro, e abriga uma instituição importante que é a SAIDAN - Associação Assistencial, que é uma Organização Não Governamental (ONG) que trabalha com o acolhimento de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade.

Dentro do perímetro do bairro, encontramos ainda a comunidade quilombola Maria Carmen. A maioria destes moradores são netos, sobrinhos ou afilhados de pessoas escravizadas que, assim como seus descendentes, também viviam em quilombos. Falaremos mais sobre esta comunidade no capítulo dedicado à analise de resultados.

Parte do bairro é atingida pelas cheias do Rio Taquari. O principal acesso do bairro, que é feito pela Avenida Beira-Rio, é totalmente fechado quando a cota de inundação atinge o nível de 24 metros. Relatórios do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), elaborados entre 2013 e 2023, classificaram regiões com alta probabilidade de ocorrência de movimentos de massas e, a partir da observação das áreas habitadas onde esse efeito pode atingir imóveis e moradores, indicam que, no limite do bairro que faz divisa junto ao rio, o bairro Morro 25 está sujeito à ocorrência de erosão e solapamento das margens, atingindo 11 imóveis e representando risco para um total de 44 pessoas.

Como já mencionado anteriormente, o zoneamento do município é regido pelo Plano Diretor. A área territorial urbana do Município de Lajeado está dividida em Unidades Territoriais de Planejamento (UTP). A delimitação destes perímetros dentro do município tem a finalidade de prover informações que auxiliem a gestão pública municipal na tomada de decisões, observando os critérios de população, densidade demográfica, predominância de usos, equipamentos urbanos e relacionamento com o meio ambiente. Cada UTP abrange uma parcela do território da área urbana, com limites estabelecidos pelo traçado viário principal, estabelecido pelo Plano Diretor, tendo como principais funções servir como base de informações estatísticas e ser um instrumento de planejamento urbano de forma que cada UTP proporcione à população o atendimento de suas necessidades, principalmente nas condizentes às rotinas cotidianas, apresentando as potencialidades e as necessidades de cada região. O bairro Morro 25 está localizado na UTP 3, que

abrange também os bairros Floresta, Nações, Santo Antônio, Jardim do Cedro e Conservas.

O uso do solo para para atividades vinculadas ao desenvolvimento urbano dentro do Município de Lajeado é regulamentado conforme a instituição de zoneamento. O bairro Morro 25 está localizado na Zona 3 (Z3), que se caracteriza da seguinte forma: “Zona 3 (Z3), caracterizada pela ocupação unifamiliar, multifamiliar e misto, com média densidade, aproveitamento da infraestrutura existente e diversificação de atividades.” (Lajeado (RS), 2023).

As atividades permitidas dentro de cada zoneamento são definidas pela municipalidade levando em consideração os condicionantes ambientais existentes, e são autorizadas a partir da análise dos impactos ambientais gerados por determinada atividade, da infraestrutura urbana necessária para sua implementação e do contexto urbano geral no qual será inserida, podendo ser classificadas, conforme potencial poluidor, em atividades de baixo, médio e alto impacto ambiental. Dentro do perímetro do bairro, as atividades econômicas permitidas no Bairro Morro 25 são: bares, restaurantes, cemitério, comércio cotidiano, comércio atacadista e varejista, casas de diversão, clubes de recreação, depósitos de gás, instituições de ensino, órgãos públicos e comunitários, equipamentos culturais, garagens, postos de combustíveis, serviços de saúde, indústrias, templos, transportadoras, serviços diversos e hoteis, além de habitação uni e multifamiliar.

Ainda, considerando que parte do bairro está sujeita à inundação pelas cheias do Rio Taquari , todas atividades a serem implementadas que estejam localizadas em cotas sujeitas a inundações serão analisadas pela Secretaria do Meio Ambiente, Saneamento e Sustentabilidade, tendo esta autonomia para deferir ou indeferir o pedido de licenciamento ambiental para tal atividade (Lajeado (RS), 2023).

Em atenção aos fundamentos de Lynch (1960), que ressalta a importância da identificação de elementos compositivos do espaço urbano, é importante constar aqui estas notas sobre a mobilidade urbana no bairro de estudo. O sistema viário municipal é constituído por rodovias, vias perimetrais, vias radiais, vias de ligação, vias locais, ciclovias e ciclofaixas. O bairro Morro 25 faz conexões importantes para a cidade, considerando sua localização próxima ao rio e ao município vizinho. A Avenida Beira Rio, por muitos conhecida como Avenida dos Municípios,

caracteriza-se como uma via de ligação, pois além de dar acesso ao Rio Taquari também possibilita a passagem entre os municípios de Lajeado e Cruzeiro do Sul. A Rua da Divisa, classificada por Lynch (1960) como um elemento de limite urbanístico, também é uma conexão importante com o centro da cidade, que possibilita o acesso de um considerável fluxo de veículos provenientes da ERS 130. Conforme definição constante no Plano Diretor do município, “vias de Ligação são o conjunto de vias existentes e projetadas, destinadas à ligação de um ou mais bairros entre si, principalmente a partir das vias Perimetrais e Radiais.” (Lajeado (RS), 2023).

A Rua Bernardino Pinto é considerada uma via perimetral, cuja definição no Plano Diretor do Município é “conjunto de vias existentes e projetadas, destinadas a estabelecer os aneis viários da zona urbana.” (Lajeado (RS), 2023). Esta rua é endereço de equipamentos urbanos importantes para o bairro e para a cidade. Nela, estão localizados o Posto de Saúde do Bairro Santo Antônio (que atende em local distinto da sua comunidade pois o território do bairro Morro 25 pertencia à ele antes de 1994), a SAIDAN, a Escola de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (que além da formação básica atua também na educação de jovens e adultos), e também de instituições religiosas e comércios em geral. Todas as demais ruas são vias locais, destinadas ao tráfego interno do bairro.

Em julho de 2023, o Governo de Lajeado anunciou[12] a intenção de implementar um novo parque às margens do Rio Taquari, localizado em uma área de terras localizada entre os bairros Morro Vinte e Cinco e Santo Antônio, que são bairros conhecidos popularmente como os mais carentes da cidade. Esta decisão significou um movimento importante por parte da municipalidade, que nos últimos tempos havia direcionado seus investimentos para as áreas centrais do município, fazendo com que os moradores das áreas periféricas questionassem o porquê da falta de investimentos e de recursos nos bairros em que residem. Ao conferir a estas comunidades o acesso à equipamentos de lazer, a municipalidade também concede o direito de apropriação do espaço público, garantindo a cidadania a partir da

[12] MARTINI, Rodrigo. Um novo parque na orla do Taquari. Jornal A Hora, Lajeado/RS, 06 de julho de 2023. Disponível em: https://grupoahora.net.br/conteudos/2023/07/06/um-novo-parque-na-orla-do-taquari/. Acesso em: 29 de novembro de 2023.

criação de espaços democráticos e refletindo na redução das desigualdades nos ambientes urbanos.

O anúncio da construção de um novo parque em Lajeado foi recebido com muito entusiasmo pela comunidade lajeadense, em especial, pelas comunidades onde há previsão da instalação do novo parque, que são as comunidades dos bairros Morro 25 e Santo Antônio. Estes bairros, como visto anteriormente, estão localizados na porção localizada à jusante do Arroio Saraquá Essa segregação construída a partir de um limite geográfico isola estas localidades, e esta quebra de continuidade pode ser observada na relação centro-periferia, onde o acesso a grande parte dos recursos necessários para a subsistência familiar está localizado no centro, e também os equipamentos de lazer como observado na reportagem. Podemos considerar centro e periferias territórios, cujos espaços possuem perímetro geograficamente bem definidos, com seu uso e ocupação determinados e legislados pelo poder municipal. Já a territorialidade expressa todas as ações necessárias que realizam um determinado grupo social, buscando não somente um crescimento econômico, mas também a modificação e aprimoramento de sua condição de vida.

Conforme consta na publicação, ao propor um parque urbano dentro de um bairro, a municipalidade propõe instalar uma área de lazer, mas distante do centro da cidade. Embora conste em outros sites onde esta mesma notícia foi publicada posteriormente que a instalação de uma área de lazer era, há muito tempo, uma requisição destas comunidades periféricas, esta abordagem, além de um grande movimento político visando as eleições municipais do ano de 2024, reflete uma relação de poder da municipalidade em relação à comunidade, visto que a área requerida para a construção do parque é passível de negociação por meio de permuta[13] de imóveis. Aqui cabe o conceito de desterritorialização que, na tentativa do poder público municipal de aproximar a comunidade de determinados equipamentos urbanos, descaracteriza espaços já configurados através de um de um processo de dominação e apropriação do espaço. Segundo Haesbaert (2008)[14]

[13] SILVA, Tiago. Prefeitura de Lajeado construirá parque no Bairro Morro 25 com acesso ao Rio Taquari. Radio Independente, Lajeado/RS, 07 de julho de 2023. Disponível em: https://independente.com.br/prefeitura-de-lajeado-construira-parque-no-bairro-morro-25-com-acesso-ao-rio-taquari/. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

[14] Rogério Haesbaert, geógrafo gaúcho, professor do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense (UFF). É pesquisador em temas como território e seus desmembramentos

sempre que ocorre uma desterritorialização, há simultaneamente, como resposta, processos de reconfiguração territorial. Ou seja, na medida em que agrupamentos sociais abandonam ou são forçados a deixarem determinados territórios, como processos de desterritorialização, que podem ser naturais ou não, acontecem novos processos de territorialização, pois esses mesmos grupos passam a ocupar novos recortes territoriais, ocorrendo assim um processo de reterritorialização. Com isso, esses agrupamentos sociais constroem novos elos com o local onde se inserem, configurando novas territorialidades. Esta nova territorialidade confere um senso de lugar, observada na obra de Tuan (2011), que define espaço, tempo e lugar como 'categorias sobrepostas da experiência humana'. No âmbito das cidades, enquanto o espaço é concebido e organizado para ser habitado, o lugar é o vínculo estabelecido a partir das vivências, o pertencimento, a relação do indivíduo com o espaço e sua sensibilidade na percepção do espaço.

Esta relação entre espaço e lugar é indissociável, como também é em relação ao tempo. Como tantos autores citam, nós somos resultados de escolhas que foram feitas no passado. Dentro desta relação de espaço, tempo e lugar, se constroi o senso de lugar, que pode determinar a identidade de um determinado espaço na cidade. Se tratando de comunidades periféricas, estas ocupações serão determinadas a partir da disponibilidade de recursos constantes neste local, o que torna um empreendimento como este parque não só uma oportunidade de ocupar novos espaços urbanos e proporcionar a população mais carente um melhor estilo de vida, mas também a criação de vínculos com os espaços urbanos que são capazes de construir memórias comunitárias.

Instalar um parque dentro de um bairro periférico é permitir que estas comunidades tenham o privilégio de viver em sociedade sem sentirem o amargor da desigualdade. Os espaços públicos são espaços democráticos por natureza, afinal, não é possível julgar alguém pela aparência (embora alguns tentem fazê-lo). Dentre os conceitos geográficos vistos até aqui, cabe por fim, porém não menos importante, salientar que todos estes movimentos são peças fundamentais na configuração da paisagem urbana. As decisões tomadas pela municipalidade e pela comunidade determinam que tipo de cidade estamos construindo, e levar um parque urbano para

---

contemporâneos, des-re-territorializações, região, identidade e desarticulação regional, desigualdade geográfica e diferenciação do espaço.

uma área cuja especulação imobiliária ainda não tomou frente é também assumir um risco. A nível de investimento possivelmente representa um prejuízo, afinal, é bem provável que este novo parque esteja sujeito a inundações nas cheias do Rio Taquari.

Cabe também aqui refletir um pouco sobre o termo gentrificação[15] que, a observar pelo movimento gerado a partir da instalação do Parque dos Dick e do Parque Ney Santos Arruda (ambos também sujeitos à inundações), o primeiro localizado no centro da cidade e o segundo na beira do Rio Taquari, às margens da BR 386, tende a selecionar seus públicos alvo a partir da oferta de recursos disponíveis nos espaços públicos. De modo geral, a oferta destes espaços para população de comunidades carentes permite que estas pessoas atinjam um nível de equidade social em relação aos demais espaços da cidade. E que neles se reconheçam como cidadãos que têm os mesmos direitos que todos os demais habitantes, com possibilidade de aferir a este espaço características que o tornem próprio de sua vivência. Isso só pode acontecer se reconhecermos que uma cidade é composta por grupos sociais distintos, e que todos eles têm o mesmo direito à cidade.

[15] Processo caracterizado pela valorização de determinada área urbana, que ocorre por meio de ações diversas, como reformas urbanas, que implicam o aumento do custo de vida na região, tendo como consequência o crescimento da desigualdade socioespacial nas cidades.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicio este tópico com uma reflexão acerca de sua relevância, tanto no meu papel de pesquisadora quanto de cidadã. Desde o início do desenvolvimento deste trabalho, sempre considerei essencial a escuta dos moradores como chave para a compreensão da vida no bairro. Acredito que ouvir as histórias daqueles que habitam um determinado espaço é fundamental para entender a complexidade das suas experiências e os desafios cotidianos que enfrentam, especialmente em bairros de população de baixa renda, como é o caso do Morro 25. Essas narrativas mostram contextos de luta, resiliência e criatividade diante da escassez de recursos e oportunidades, além de evidenciar as desigualdades estruturais que configuram suas realidades. Compreender essas histórias é uma forma de dar visibilidade a trajetórias frequentemente silenciadas, ampliando a compreensão sobre as dinâmicas sociais, culturais e econômicas dessas comunidades. Publicizar tais dados fortalece a empatia e o respeito, contribuindo para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e adequadas às necessidades reais da população, ao mesmo tempo em que valoriza os moradores como sujeitos ativos, com saberes e experiências essenciais para transformar seus territórios.

Acredito que seja relevante também trazer aqui, devido a importância desta representatividade comunitária e também pela contribuição neste trabalho, um breve contexto sobre as Associações de Moradores. Estas instituições são criadas com o objetivo de representar os interesses coletivos da comunidade local. Geralmente são organizações sem fins lucrativos e formadas por moradores, que trabalham de forma voluntária, com a finalidade de discutir problemas, propor soluções e implementar melhorias no bairro onde atuam. As associações de moradores têm uma estrutura organizacional organizada hierarquicamente e, como podem representar a comunidade frente à municipalidade, possuem características de pessoa jurídica,

com registros formais contábeis pertinentes à sua área de atuação. Essas associações desempenham um papel importante na mediação entre comunidade e órgãos governamentais,fomentando o engajamento cívico e a união entre os vizinhos, fortalecendo o senso de pertencimento e contribuindo para a qualidade de vida no bairro. Dentre as principais atividades dessas associações estão a constante observação da vida na comunidade (a fim de identificar problemas e buscar soluções enfrentamento dos mesmos), a mediação entre comunidade e municipalidade, a promoção de eventos sociais e culturais comunitários (quase sempre realizados com a intenção de obter fundos para financiar obras de melhoria no bairro), e a divulgação de campanhas, especialmente naquelas relacionadas à saúde e bem estar dos moradores (ALMEIDA, 2017; SEBRAE, 2021).

Cumpre ressaltar que, antes da realização das entrevistas, foi proporcionada uma breve reunião com os participantes, com o intuito de apresentar o Programa de Pós-Graduação e os objetivos da pesquisa, bem como esclarecer que o trabalho não possui qualquer vínculo político, ideológico ou partidário, garantindo, assim, a imparcialidade e a isenção do estudo. Além disso, foi fornecida a devida explicação sobre os direitos dos participantes e os procedimentos da pesquisa, conforme exigido pela ética de pesquisa. Em conformidade com as normas éticas, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que assegura o entendimento e a concordância voluntária de sua participação, o qual se encontra anexo a este trabalho.

Para melhor compreensão dos dados trazidos pelos entrevistados, no corpo do texto os mesmos serão identificados da seguinte forma:

Quadro 3: identificação dos moradores.

Identificação	**Nome**	**Categoria**	**Tempo de residência**
E1	Taiene Marina do Couto	Presidente	24 anos
E2	Edson Luis de Castro	Vice-Presidente	39 anos
E3	Liamar Landini	Moradora	8 anos
E4	Mairon Alves da Silva	Morador	24 anos

Fonte: da autora.

É importante destacar que, no decorrer deste trabalho, a escolha pela identificação dos entrevistados visa não apenas respeitar os princípios éticos que norteiam a pesquisa, mas também dar protagonismo às lideranças locais, cuja participação ativa tem sido fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. O compromisso com a ética, conforme os preceitos do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), garantiu que todos os entrevistados estivessem cientes de seus direitos e da utilização de suas informações de maneira responsável. A identificação dos moradores, incluindo nome, categoria e tempo de residência, é uma forma de valorizar a experiência e o conhecimento que cada um trouxe à pesquisa, além de permitir uma análise mais precisa e contextualizada das dinâmicas locais. Essa abordagem visa também a transparência e a fidelidade à realidade das comunidades, assegurando que as vozes dos moradores sejam reconhecidas no contexto do estudo e contribuindo para a visibilidade e legitimidade de suas trajetórias e saberes.

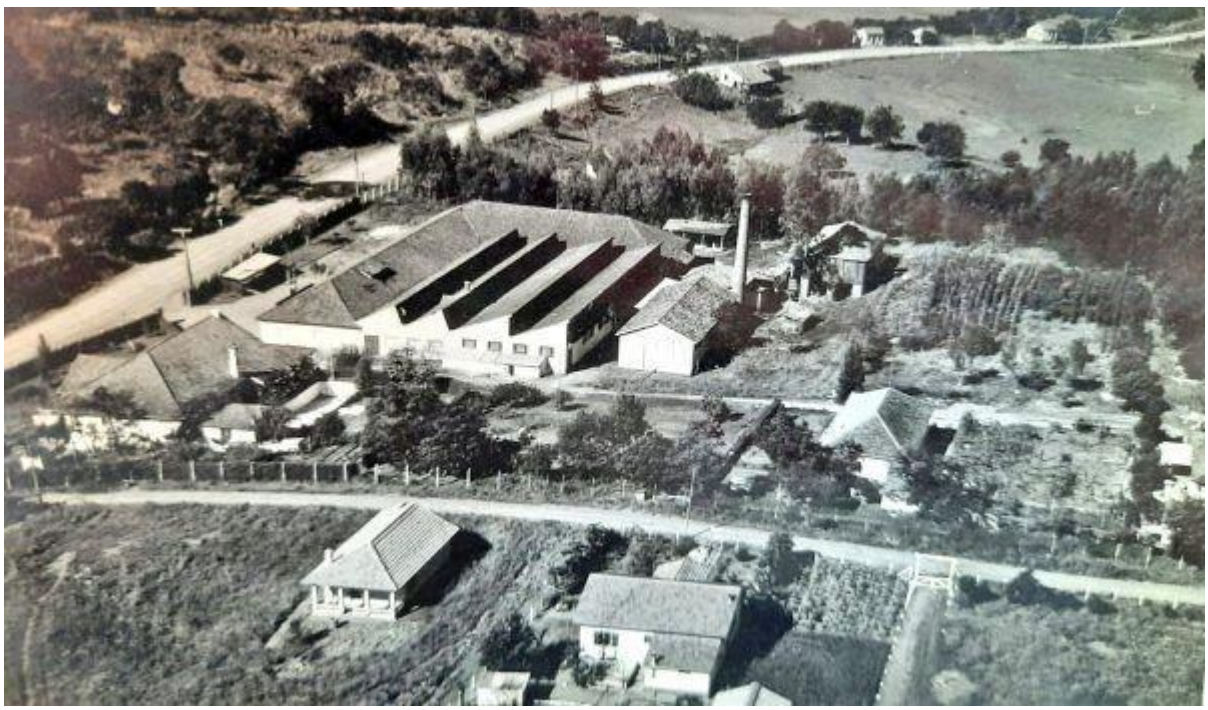
5.2.1 Perfil Socioeconômico

Nesta seção, busca-se compreender o perfil dos moradores do bairro, identificando quem são, com quem convivem, onde buscam sua fonte de renda e os motivos que os levaram a estabelecer residência no local.

Quando questionados sobre quanto tempo residem no bairro, E1 respondeu que mora sua vida inteira lá, assim como seu esposo E2. Ambos são presidentes da Associação de Moradores do bairro e seus familiares também residem no bairro há muitas décadas. Já E3 cita que se mudou para o bairro pois é próximo do seu local de trabalho, no município vizinho de Cruzeiro do Sul,e reside nele há 8 anos. Por fim, E4 menciona que seus bisavós já moravam no bairro e que seu avô era marinheiro, razão pela qual decidiram estabelecer residência no bairro. Todos os entrevistados enfatizam que esta condição, de morar há bastante tempo no bairro, é comum à maioria dos moradores atuais, no entanto, não sabem precisar o porquê das famílias terem optado em morar no bairro. Ainda, todos acreditam que a proximidade com o Rio Taquari, o preço baixo do terreno (por se tratar de um morro) e a conectividade com o município vizinho possa ter influenciado na decisão de seus familiares.

Em relação ao trabalho, os entrevistados consideram haver bastantes oportunidades dentro do bairro, especialmente no curtume local, que emprega diversos moradores (FIGURA 5). E1 trabalha lá e leva 10 minutos para chegar ao local de trabalho e considera isto um privilégio. A situação dificulta para E2, que não consegue trabalhar por ter de cuidar da filha de 6 meses, já que não conseguiu vaga na creche. Já E3 trabalha no Município vizinho e depende de táxi para chegar ao local de trabalho, já que não há opção de transporte público. Todos consideram a pouca oferta de transporte público um condicionante negativo para a busca de trabalho, pois grande parte dos moradores não possui transporte próprio. De modo geral, o entrevistado E4 define o perfil de morador do bairro Morro 25 como pessoas humildes e trabalhadoras assalariadas.

Figura 5 - O curtume, um dos principais empregadores da comunidade, representa um símbolo da dinâmica econômica e social do bairro Morro 25, onde muitos moradores encontram suas fontes de renda.



Fonte: arquivo de Jornal A HORA (2024)

A fala dos entrevistados relata a carência de transporte público em Lajeado. Desde 2020, o Município de Lajeado concedeu à empresa privada as operações do transporte coletivo na cidade. Embora a empresa tenha continuado a atender as linhas existentes em operação, e até incluído uma rota que incluísse a UPA no bairro

Moinhos D'Água, os itinerários nos bairros não operam de maneira satisfatória há muito tempo. Por conta do isolamento social instaurado durante a pandemia, os horários de circulação dos ônibus diminuíram drasticamente, e após este período, ao invés das linhas de ônibus voltarem a operar no seu horário regular, continuaram operando com a mesma redução de horários.

5.2.2 Características Físicas e Condicionantes Urbanos

Nesta seção, buscou-se identificar as características físicas do ambiente urbano em que os moradores do bairro residem, abordando aspectos como a fragmentação do território, a mobilidade, os pontos de vulnerabilidade e as influências históricas que condicionaram o desenvolvimento físico do bairro.

Quando questionados sobre a percepção que têm do bairro, incluindo aspectos como beleza, acolhimento e segurança, os entrevistados manifestaram unanimidade ao afirmar que o consideram muito seguro e que não se veem morando em outro local. Relataram que apreciam viver em comunidade e caracterizam o bairro como tranquilo, acolhedor e seguro. Em relação à criminalidade, frequentemente destacada pela mídia local, os moradores não percebem o bairro como um lugar perigoso. No entanto, não deixam de reconhecer a existência de eventos pontuais, que têm amplo destaque na imprensa. Eles afirmam estar cientes desses incidentes, mas ressaltam que não os percebem como uma realidade cotidiana no contexto do bairro.

Para compreender a construção da identidade do lugar, os entrevistados foram questionados acerca do que consideravam as principais características do seu bairro. Esperava-se como resposta atributos físicos que descrevessem espaços, tais como ruas calçadas/sem calçamento, muito ou pouco arborizado, bastante ou pouco movimentado, etc. Como resposta, os moradores descreveram instituições presentes no bairro ou pontos de comércio, já que entenderam como características marcos existentes no lugar. Desta forma, os moradores mencionam diversos pontos que consideram representativos para o bairro, como o curtume, destacado por sua importância na geração de empregos; o ginásio, que além de ser um espaço esportivo, também abriga eventos comunitários, como as festas da Igreja Católica e da creche local; a Escola Municipal, e a Esquina do Marcelo, onde está localizado

um mercado com uma parada de ônibus em frente, funcionando como ponto de referência no cotidiano dos moradores.

Ao serem questionados sobre a diferenciação entre as partes nova e antiga do bairro, os entrevistados apontam como área mais nova os terrenos situados na parte baixa, onde novos loteamentos têm atraído novos moradores. Já a parte mais antiga é identificada nas áreas próximas ao curtume e ao topo do morro, que mantêm características históricas e culturais do bairro.

Quando instigados a refletir sobre a percepção do bairro pelos moradores de outras áreas da cidade, todos os entrevistados mencionaram o sentimento de discriminação. Eles relatam que enfrentam essa discriminação no cotidiano, como, por exemplo, na dificuldade de conseguir transporte para o bairro após determinado horário ou quando mencionam seu endereço durante entrevistas de emprego. Esse estigma parece estar enraizado nas percepções externas sobre o bairro, reforçando um senso de marginalização e exclusão.

Para tentar compreender esta fala de discriminação do entrevistado, recorro a uma obra de Bauman (2005), Confiança e Medo na Cidade (2005), que discorre, enquanto fenômeno no meio urbano, a perda da capacidade das pessoas de conviver com a diferença. Diante disso, não surpreende experimentarmos a sensação de horror frente a ideia de conviver com pessoas que não pertencem ao mesmo círculo social que o nosso. Segundo o autor, o desaparecimento do diálogo e da interação entre dois modos de vida diferentes traz como consequência a segregação, que é perceptível a partir do reconhecimento dos agentes envolvidos, cujo autor denomina como cidadãos de primeira fila e última fila. Os agentes da primeira fila condizem às pessoas que não se identificam com o lugar onde moram pois, para estes, seus interesses estão em outro lugar. Para estes, a cidade é somente uma fonte de recursos que garantem o necessário para garantir seu conforto e sua sobrevivência. Eles não estão interessados, portanto, nos negócios de sua cidade, afinal, ela não passa de um lugar como todos os outros, pequena e insignificante, quando visto da posição privilegiada da sua verdadeira morada. Já com os agentes da última fila ocorre o extremo oposto. Deles, espera-se que sua atenção, como define o autor ‘cheia de insatisfações, sonhos e esperanças’, tenha foco somente nas demandas locais. Para estes cidadãos, a cidade representa o

campo de batalha, o meio de sobrevivência e o local onde se possa conquistar um lugar decente no mundo (Bauman, 2005, p.25-27).

Ao serem questionados sobre as condições das ruas do bairro, os moradores relatam um descaso por parte do poder público municipal. As vias, em sua maioria sem pavimentação de blocos ou asfalto, não recebem melhorias há bastante tempo. Esta situação se agravou após a enchente ocorrida em maio de 2024, quando, na necessidade de atender demandas prioritárias no condizente à provisão de moradias aos desabrigados, a prefeitura deixou de destinar recursos para esta localidade. Segundo os moradores, o que antes já era falho agora é inexistente.

Em relação aos meios de transporte, os moradores relatam que a maioria dos residentes do bairro dependem das linhas de ônibus urbano para se deslocar na cidade. Consideram o número de linhas insuficientes para atender a demanda local. Não havendo linhas de ônibus suficientes para atender esta demanda, os moradores recorrem aos táxis ou carros de aplicativo, e relatam que estes meios de transporte são eficazes durante o dia, mas que durante a madrugada ou à noite são praticamente inexistentes. Sobre esta questão, E3 relata, como exemplo, que precisou do serviço privado de transporte para ir até a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) municipal e não conseguiu, atribuindo à imagem da falta de segurança a razão pela qual os motoristas não acessam o bairro à noite. Quando questionados sobre a facilidade de sair de casa para trabalhar ou visitar amigos e familiares, os moradores relatam que tudo depende da oferta de transportes no bairro, salientando que a decisão de se locomover ou não, não depende única e exclusivamente deles, mas também da oferta de transporte público ou privado disponível. Neste sentido, uma breve visita ao site do Sistema de Transporte Integrado de Ônibus da cidade de Lajeado, denominado de Tio Lajeado, já demonstra a inexistência de uma linha que atenda especificamente o bairro, ou seja, todo transporte coletivo que atende o bairro Morro 25 é proveniente da circulação de outras linhas de bairros existentes no entorno. São as linhas dos bairros Santo Antônio, Nações e Jardim do Cedro que atendem a demanda do bairro, sendo que nenhuma delas tem acesso direto à Unidade de Pronto Atendimento - UPA.

Em relação à conectividade do Morro 25 com o restante da cidade, os moradores relatam que ocorre muita troca com os bairros vizinhos imediatos, mas que não percebem esta conexão com os demais bairros da cidade. Como exemplo, E2 cita que o bairro Nações não tem posto de saúde e nem quadra de esportes, então os moradores de lá utilizam estes serviços no bairro Morro 25. A mesma troca ocorre quando cita que a filha da E1 estuda no bairro Nações. Quando questionados se existe algum lugar dentro da cidade que,morando no bairro Morro 25, é difícil de chegar, os moradores citam que para o lado oeste da cidade não existe acesso direto. No lado leste, existem linhas de ônibus que levam para a rodoviária, centro da cidade e universidade, mas não estão disponíveis em todos os horários.

O território do Município de Lajeado é dividido em quatro quadrantes que são delimitados por duas barreiras urbanísticas bem definidas: A rodovia longitudinal Governador Leonel de Moura Brizola (BR 386), que corta a cidade no sentido leste-oeste; e a rodovia estadual ERS 130 no sentido norte-sul onde, na porção sul, se divide e dá acesso aos municípios de Venâncio Aires e Cruzeiro do Sul. Esta fragmentação do território gera muitos desafios de mobilidade urbana, e um deles é a dificuldade de acesso a serviços e recursos, que vai de encontro com o relato dos entrevistados.

A inexistência de conectividade na porção oeste da cidade relatada pelos entrevistados corresponde à falta de transporte público direto que acesse aquele território, sendo necessário utilizar mais de uma linha de transporte público para chegar à porção leste. Ainda, cumpre registrar que, no momento da escrita deste trabalho, tanto a BR 386 quanto as rodovias estaduais passam por obras de reestruturação de infraestrutura, que também acarretam em transtornos de mobilidade urbana. Por fim, os danos ocasionados pela enchente de setembro de 2023 e maio de 2024 alteraram algumas rotas do transporte coletivo disponível, o que gera dificuldades na locomoção dentro da cidade e região do Vale do Taquari, especialmente para nos bairros situados à sul do Arroio Saraquá, que foram severamente atingidos e que também correspondem às comunidades com maior índice de vulnerabilidade urbana do município. Até o momento da conclusão da e escrita deste trabalho, as linhas de transporte urbano ainda não tinham sido reestabelecidas na sua totalidade no município e no bairro investigado.

5.2.3 Condicionantes Ambientais

Nesta seção, esperava-se identificar as características físicas do ambiente urbano em que vivem estes moradores, a fragmentação de território, mobilidade, pontos de vulnerabilidade e características históricas que geraram condicionantes físicos para o desenvolvimento do bairro.

Frente a pergunta sobre a funcionalidade dos serviços de abastecimento de água, tratamento de esgoto, coleta de lixo e energia elétrica, bem como quais os principais problemas no acesso a estes serviços, os entrevistados citam que não ocorre falta d'água com muita frequência e o abastecimento é satisfatório. O mesmo ocorre com a distribuição de energia. Já em relação à coleta de lixo, os entrevistados citam que o maior problema no bairro não consiste na coleta de resíduo doméstico, que é recolhido de forma eficaz nos dias estabelecidos pelo calendário municipal, mas sim, na coleta do resíduo vegetal (proveniente de podas e roçadas) e também no recolhimento de entulho. Existem no bairro pontos designados para descarte destes resíduos, que são mapeados pela municipalidade que é responsável pela coleta, no entanto, o serviço é falho. Conforme E2, embora a Associação de Moradores entre em contato com os responsáveis, e cobre agilidade na prestação do serviço de coleta, na maioria das vezes não são atendidos com a celeridade que necessitam. Os demais entrevistados também manifestam preocupação em relação à disseminação de doenças, como por exemplo a dengue, que podem surgir nestes locais e ocasionaram danos à saúde coletiva. Por fim, citam que, às vezes, realizam mutirões de limpeza para dar descarte nestes materiais que não são recolhidos pelo município.

Quando questionados sobre a questão das cheias do Rio Taquari, os moradores relatam que faz parte da comunidade conviver com o rio, que já estão acostumados com a dinâmica do rio. Mesmo as cheias que ocorriam quase que anualmente, anterior à maior cheia de maio de 2024, não interferiam no cotidiano dos moradores do bairro, pois, segundo relatam, já estavam acostumados com os eventos. O cenário mudou a partir da enchente de setembro de 2024, quando o rio atingiu sua maior cota desde a grande enchente de 1941, atingindo o nível de 29,53m. Neste evento, relatam E2 e E4, os moradores foram pegos de surpresa pela

velocidade com que a água subiu no bairro, deixando centenas de moradores desabrigados. Na opinião dos entrevistados, a enchente de setembro de 2023 foi muito pior do que a de 2024, pois os danos que a primeira trouxe foram muito além do que a segunda. No evento de setembro, os moradores relatam que não sabiam como agir ou como se organizar para ajudar os vizinhos, fazendo que o caos tomasse conta de todo o bairro. Não se sabia onde buscar recursos ou como proceder em situações de emergência, por exemplo. Já na enchente de maio de 2024, o preparo frente à situações de emergência, obtido pela experiência com a enchente anterior, fez com que o atendimento aos moradores atingidos pela cheia fosse realizado de modo mais racional e centralizado. A Associação de Moradores do bairro atendeu, num primeiro momento, todos os moradores no ginásio municipal, oferecendo comida, água, abrigo e roupas; e num segundo momento, auxiliou na provisão de recursos oriundos de doações àqueles que já haviam buscado abrigo na casa de amigos e familiares. Por fim, E2 cita que a grande preocupação dele em relação à comunidade são com os moradores que, mesmo passando por um grande trauma, ainda manifestam vontade de voltar a residir no mesmo local que foi devastado pela enchente de maio, sendo estes pessoas idosas que têm grande apego ao lugar. Por fim, E2 explica que grande maioria não quer voltar a residir no mesmo lugar, pois tem muito medo de passar por toda aquela situação novamente. Há também uma grande preocupação com os terrenos, em relação à indenizações e ocupações irregulares que possam surgir no local, mas, segundo E2, uma fala do prefeito em assembleia realizada no bairro assegurou aos moradores que nenhum imóvel nas localidades atingidas pela enchente seria novamente ocupado.

5.2.4 Percepções Culturais e Sociais

Nesta seção, buscou-se analisar a ação do morador no território, ou seja, as interações das pessoas com o espaço construído, em caráter qualitativo, articulando-as aos usos e a ocupação do espaço público; se há ou não permanência e como se dão os fluxos; e que relação eles mantêm com os espaços de convivência.

Em relação à percepção do morador em relação a sua vida em comunidade, o entrevistado E4 relata que a comunidade do bairro é bem unida e participa

ativamente das atividades, ajudando-se inclusive nos momentos de dificuldade. Considera um bairro muito acolhedor, com moradores sempre muito engajados nas ações que ocorrem dentro da comunidade. Quando questionado sobre o que torna sua morada especial, que não encontraria em outro lugar o que encontra no Morro 25, o entrevistado E4 responde prontamente que a alegria do bairro em momentos de celebração, como ocorre quando das festas da Igreja e da Associação de Moradores, ou em datas festivas como natal e páscoa, quando um grupo de amigos se reúne para presentear as crianças do bairro. Além dos momentos de integração, a E3 ratifica a importância destes eventos em relação à geração de renda, pois com a arrecadação financeira gerada, a Associação pode investir estes recursos em melhorias necessárias no bairro. Nota-se nos entrevistados um grande senso de pertencimento, observado nas obras de Tuan (1977) e apropriação do espaço coletivo em prol da justa coletividade comunitária, como observado nas obras de Lefebvre (1968).

Em relação ao lazer no bairro, os entrevistados relatam que há bastantes opções na comunidade. Além das áreas públicas, como a pracinha infantil e campo de futebol, todos os dias ocorrem jogos no ginásio, sejam eles treinos de projetos comunitários ou práticas particulares. Ainda citam o campo do Peñarol, time local, que era também um grande ponto de encontro nos finais de semana, mas que foi severamente atingido pelas enchentes e, no momento, está fechado temporariamente. Além das práticas esportivas, relatam ocorrer eventos comunitários organizados pela Associação de Moradores ou por outras entidades localizadas dentro do bairro. Sobre buscar lazer fora do bairro, E1 relata que costumam visitar os parques e praças da cidade, mas na maioria das vezes dão prioridade em utilizar os serviços disponíveis no bairro.

Quando questionados sobre como percebem a existência de uma comunidade quilombola no bairro, os entrevistados relatam que não têm muito conhecimento sobre isto pois a comunidade quilombola é fechada aos seus moradores, logo, os demais moradores do bairro não têm muito acesso ao que acontece por lá. Embora a comunidade quilombola não tenha sido o foco principal deste estudo, é importante reconhecer que existe uma divisão social interna dentro da própria comunidade do Bairro Morro 25, marcada por distâncias e barreiras,

inclusive entre os moradores quilombolas e os demais residentes. A presença de um grupo quilombola no bairro é algo pouco explorado e, de fato, pouco se sabe sobre essa comunidade, o que não diminui sua importância, muito menos a relação étnica na formação do Morro. Ao questionar os moradores sobre a percepção da existência da comunidade quilombola no bairro, muitos relataram não ter muito conhecimento sobre essa questão, uma vez que a comunidade quilombola tende a ser mais fechada e resguardada, o que impede um maior acesso e compreensão sobre suas práticas e acontecimentos internos. O entrevistado E2 ressaltou que, apesar disso, todos os recursos e serviços oferecidos no bairro são acessíveis aos moradores da comunidade quilombola, que gozam dos mesmos direitos e benefícios dos demais residentes.

Segundo a reportagem da Folha Popular de 2023, a Comunidade Maria Carmem, localizada no Loteamento 17 do Bairro Morro 25, em Lajeado, foi recentemente reconhecida como remanescente de quilombo, uma conquista significativa para as cerca de 20 famílias que residem no local. Esse assentamento remonta às décadas de 1950 e 1960, e a luta para o reconhecimento de sua ancestralidade é longa e marcada por um processo de visibilidade e valorização. Silvia, uma das representantes da comunidade, expressou seu orgulho em afirmar a ancestralidade quilombola, destacando a importância dessa conquista para garantir o reconhecimento social (Folha Popular, 2023).

O processo de reconhecimento envolveu etapas rigorosas, como o levantamento histórico que comprovasse a ancestralidade dos moradores, bem como a organização de documentos, fotos e relatos sobre a cultura local, como ritos, festividades e pratos típicos. Após a validação pela comunidade, uma assembleia foi realizada, e uma ata foi lavrada para formalizar o autorreconhecimento como comunidade quilombola.Este reconhecimento é um passo fundamental para garantir visibilidade, acesso a direitos e uma maior inclusão social para a comunidade quilombola de Lajeado, especialmente em um contexto urbano com forte presença de povos de colonização alemã. A história da comunidade, sua luta e as políticas públicas resultantes desse reconhecimento evidenciam a resistência e a importância dos quilombolas na construção da identidade local e regional.

5.2.5 Equipamentos Urbanos

Identificar os equipamentos comunitários presentes num determinado bairro ou localidade é essencial para diagnosticar o desempenho dos espaços destinados a atender as necessidades dos moradores e dos recursos existentes destinados à promoção do bem estar social. Esses equipamentos - como escolas, unidades de saúde, instituições religiosas, centros culturais, espaços esportivos e áreas de convivência - desempenham um papel importante na organização do território urbano e na melhoria da qualidade de vida da população. Autores que abordam tanto a funcionalidade destes espaços quanto seu papel social, cultural e econômico, cujas obras são fundamentais no estudo sobre equipamentos urbanos na arquitetura e no planejamento urbano, serão apresentados no decorrer desta seção.

Nesta etapa da entrevista, buscou-se analisar a oferta de equipamentos urbanos de educação, saúde, esporte e lazer, de comércio - principalmente o que se refere a bens de subsistência, como mercados, padarias e hortifrutis - e de serviços que amparem as demais atividades cotidianas.

Rossi (1966, p.115) abordou o conceito de equipamento urbano como parte do tecido histórico e cultural da cidade, ressaltando a importância desses elementos na construção da memória coletiva. O autor define estes espaços como - elementos primários - já que funcionam como núcleos de agregação que, na medida que participam da evolução da cidade de modo permanente, tornam-se fatos constituintes da cidade. Para Rossi (1966, p.115), um conjunto urbano é subdividido de acordo com três funções principais, quais sejam: (1) a residência, (2) as atividades fixas e (3) o tráfego urbano. Cabe à segunda delas a compreensão do equipamento urbano enquanto bem de utilidade pública, feita pela coletividade para a coletividade, concebido nas esferas públicas ou privadas como elementos característicos da formação da cidade. Ainda, o autor considera estes espaços capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade, e também elementos de transformação espacial do território. Sua presença em uma determinada localidade só pode ser identificada a partir de uma função determinada, apresentando uma qualidade específica que é dada principalmente pela sua

insistência num lugar, pelo desenvolvimento de uma ação precisa ou pela sua individualidade. (Rossi, 1966, p.115-117).

Sobre as instituições de ensino presentes no bairro, E4 relata que o bairro conta com o atendimento de uma escola e uma creche, sendo que a escola de educação infantil tem déficit de vagas, fazendo com que as famílias tenham de aguardar até o próximo ano letivo para conseguir matricular seus filhos. Já a escola de ensino fundamental atendia bem o bairro, mas foi severamente atingida pela enchente. O entrevistado E4 ainda cita que antes deste episódio de enchente, a escola era bem vista na comunidade, trazendo para si inclusive alunos de outros bairros e da cidade vizinha, Cruzeiro do Sul. Quando questionados sobre o atendimento da Associação de Assistência à Infância e a Adolescência - SAIDAN - os moradores relataram que esta instituição atende mais os moradores do bairro Santo Antônio (vizinho imediato do bairro Morro 25) e, por esta razão, não conhecem muito sobre o trabalho realizado nela.

A rede municipal de educação em Lajeado é composta por 24 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), sendo uma delas localizada no bairro Morro 25, denominada de EMEI Mundo Encantado. Os dados publicados pela Secretaria de Educação do Município de Lajeado (SEDUC) referentes ao mês de novembro de 2024 indicavam 4 crianças aguardando vaga nesta escola (Município de Lajeado, 2024). Já a rede das Escolas Municipais de Educação Fundamental (EMEF) é composta por 18 instituições de ensino, sendo duas delas localizadas no bairro, denominadas de EMEF Alfredo Lopes da Silva e Francisco Oscar Karnal, sendo que a primeira foi atingida pela enchente de maio de 2024 e encontra-se inoperante de suas atividades até o ano letivo de 2025. Os alunos da escola foram realocados para educandários municipais nos bairros Santo Antônio e Campestre (Município de Lajeado; Jornal A Hora, 2024).

Ao serem questionados sobre os serviços de saúde existentes, os entrevistados relatam que há um posto de saúde próprio no Morro 25, que atende também outros bairros, mas que o atendimento não é suficiente para as demandas do bairro. A principal queixa dos entrevistados, especialmente para E1 e E3, é a falta de atendimentos na área de pediatria, que só atende uma vez por semana. O

mesmo ocorre com os atendimentos na área de odontologia, onde a espera por atendimento chega a durar mais de um mês. Para todos os demais atendimentos de urgência, dependem da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) localizada no bairro Moinhos D'Água, distante a quase 6 km do bairro.

A rede municipal de saúde em Lajeado é composta por 16 Unidades de Estratégia de Saúde da Família (ESF), que antigamente eram chamados de Postos de Saúde, sendo que uma delas está localizada no bairro Morro 25. O déficit de atendimentos especializados relatado pelos entrevistados pode estar relacionado à Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) e à gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) onde, segundo dados do Ministério da Saúde, estipulam que:

> Cada equipe de Saúde da Família (eSF) deve ser responsável por, no máximo, 4.000 pessoas, sendo a média recomendada de 3.000 pessoas, respeitando critérios de equidade para essa definição. Recomenda-se que o número de pessoas por equipe considere o grau de vulnerabilidade das famílias daquele território, sendo que, quanto maior o grau de vulnerabilidade, menor deverá ser a quantidade de pessoas por equipe (Brasil, 2024).

Quanto à oferta de comércio e serviços no bairro, os moradores destacam a presença de diversos pontos de comércio e supermercados espalhados por toda a área, o que lhes confere uma sensação de boa cobertura em termos de acessibilidade a bens e serviços básicos. No entanto, há uma lacuna em relação a farmácias e postos de gasolina, serviços os quais não estão disponíveis no próprio bairro, sendo os moradores obrigados a buscar tais serviços nas áreas vizinhas, como no bairro Jardim do Cedro.

Em relação à prática religiosa, os moradores mencionam que a maioria segue o catolicismo, congregando na Comunidade Imaculado Coração de Maria. Contudo, o bairro também abriga diversas vertentes religiosas, incluindo igrejas evangélicas, com quatro templos distribuídos pela área, além de práticas de religiões de matriz africana, como a umbanda, embora não haja um espaço formalmente dedicado a essas manifestações religiosas no bairro.

No que tange à organização comunitária, os entrevistados destacam a atuação da Associação de Moradores, fundada em 1993, como uma estrutura

importante na dinâmica social do bairro. Além disso, o Clube de Mães e o Clube da Terceira Idade desempenham papeis relevantes na promoção de atividades comunitárias e no fortalecimento dos laços sociais. Também merece destaque um projeto comunitário privado, idealizado por um barbeiro local, que oferece atividades esportivas, especificamente futebol, para crianças e adolescentes de 8 a 16 anos, com os treinos realizados no ginásio do bairro. Essas iniciativas demonstram um forte espírito comunitário e a busca por alternativas para o fortalecimento da convivência social e o bem-estar coletivo.

Sobre a gestão comunitária e sua relação com a gestão municipal, quando questionados sobre os alcances e os resultados na luta coletiva, os entrevistados relatam que a obtenção de recursos municipais é, em termo direto, complicada. Quando solicitado a explanar melhor sobre, citam a dificuldade de conversar com as lideranças e acessar recursos de melhoria para o bairro. Também citam que, em algumas vezes, não sabem a quem recorrer e quando o fazem, não encontram pessoas comprometidas para ouvir as demandas e atender o bairro. Segundo E2 e E4, após as enchentes a situação piorou pois além de terem de atender as famílias que foram atingidas, ainda tinham de lidar com as ocorrências cabíveis ao município de administrar como, por exemplo, a retirada de entulhos e vegetação, bem como a limpeza de ruas. Ao solicitarem auxílio à municipalidade para tratar estas questões pertinentes à gestão pública, foi-lhes solicitado paciência pois, afinal, ‘a cidade inteira estava um caos’ e não havia outra solução imediata a não ser aguardar. Ainda, no momento desta entrevista, citam aguardar a instalação do campinho de futebol com grama sintética, cujo pedido já foi protocolado e está com recurso disponível.

Encerrada esta parte da discussão e análise das respostas dos entrevistados, convém agora trazer algumas notas sobre o habitar, observadas a partir da fala dos entrevistados.

Os moradores demonstraram um protagonismo claro em suas falas, evidenciando um forte compromisso com a comunidade e com as questões sociais que afetam o bairro. Eles se posicionaram como agentes ativos na luta por melhorias no bairro, destacando não apenas as dificuldades enfrentadas na relação

com a gestão municipal, mas também as estratégias que empregam para lidar com a falta de apoio e recursos. A gestão comunitária, liderada por figuras como E2 e E4, tem sido fundamental para a organização e mobilização da população, especialmente após as enchentes. Apesar das adversidades, esses moradores não se limitaram a esperar por soluções externas, mas tomaram a iniciativa de buscar alternativas, como o pedido de instalação do campinho de futebol, que já foi protocolado e está com recurso disponível.

Além disso, o protagonismo dos entrevistados também se manifesta na sua capacidade de manter a coesão social e a harmonia dentro da comunidade, mesmo diante da discriminação externa e da criminalização recorrente do bairro na mídia. Eles não apenas se posicionaram contra a visão distorcida da imagem do bairro, mas também atuaram ativamente na construção de uma identidade comunitária mais forte. A realização de eventos como os natalinos, de Páscoa, e as festas de Dia das Crianças, são exemplos de como essas lideranças locais buscam fomentar o sentimento de pertencimento e participação, criando memórias afetivas e solidificando uma rede de apoio entre os moradores. Esse envolvimento em ações sociais é uma forma de os moradores afirmarem sua agência, contribuindo para o fortalecimento do bairro e a promoção de uma imagem positiva, ao mesmo tempo em que resistem às representações negativas que, muitas vezes, são associadas à sua realidade.

Para organizar melhor os resultados e analisar as falas dos entrevistados, agrupamos as informações em categorias que permitem identificar padrões, sentimentos e percepções compartilhadas pelos moradores do bairro Morro 25. Essas categorias nos ajudaram, enquanto acadêmicos, a compreender como os moradores constroem suas narrativas sobre o bairro, suas dificuldades, identidades e relações sociais.

Consideramos que a análise de conteúdo, amplamente utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa, oferece ferramentas valiosas para reflexões aprofundadas sobre o tema. No entanto, não temos como objetivo discutir a técnica em si. Optamos por essa metodologia porque acreditamos que ela é mais adequada para compreender as falas dos entrevistados, cujos discursos são claros e falam por si mesmos. Respeitando as originalidades e formas de expressão dos nossos

parceiros de pesquisa, preferimos não cientificá-las ou academizá-las, preservando, assim, a autenticidade e a riqueza de suas narrativas.

A percepção de segurança e criminalidade é um tema recorrente nas falas dos entrevistados. Muitos relatam uma sensação de insegurança, associada a episódios de assaltos, furtos e violência no bairro. Além disso, há um claro estigma em torno do Morro 25, com a imagem negativa transmitida pela mídia, que leva os moradores a se sentirem criminalizados pela sociedade, apesar de muitos relatos não confirmarem a realidade da violência, mas sendo influenciados por essa visão externa.

A acessibilidade e mobilidade também são questões importantes para os moradores. A falta de transporte adequado e a dificuldade de deslocamento, especialmente em horários noturnos, são frequentemente mencionadas. Essa limitação no transporte afeta diretamente a vida cotidiana, causando uma sensação de isolamento e desconexão do resto da cidade. A infraestrutura de transporte precária prejudica o acesso a empregos, serviços e lazer, agravando a desigualdade social.

Outro aspecto mencionado pelos entrevistados são as condicionalidades ambientais e os desastres naturais, especialmente as cheias e enchentes do Rio Taquari, que causam danos materiais significativos e resultam na perda de espaços importantes para a comunidade. Apesar disso, a resiliência comunitária se destaca, com os moradores organizando mutirões e ações de solidariedade para lidar com os desastres. Há, ainda, uma expectativa por melhorias na infraestrutura de prevenção e assistência para que o bairro se torne mais seguro frente a essas catástrofes.

A identidade e coesão social do bairro também são temas amplamente discutidos. Os moradores expressam um forte sentimento de pertencimento e orgulho do Morro 25, destacando os laços comunitários como um fator fundamental para enfrentar as adversidades. As práticas culturais locais, como festas, eventos religiosos e encontros comunitários, são apontadas como essenciais para a construção dessa identidade coletiva e para o fortalecimento da coesão social entre os habitantes do bairro.

As questões socioeconômicas também têm grande peso nas narrativas dos entrevistados. Muitos moradores enfrentam dificuldades econômicas, como o desemprego e a precariedade no trabalho, o que impacta diretamente o bem-estar da comunidade. A busca por alternativas econômicas, como pequenos negócios e atividades informais, é uma estratégia comum para a sobrevivência. Além disso, a falta de serviços essenciais, como postos de saúde, escolas e equipamentos de lazer, é frequentemente mencionada, afetando a qualidade de vida e gerando frustração entre os moradores.

Em relação à infraestrutura urbana e serviços públicos, as falas dos moradores apresentam um quadro misto de falhas e melhorias. A infraestrutura local, como ruas, iluminação pública, saneamento e limpeza urbana, é apontada como precária, mas há também relatos de melhorias que ajudam a amenizar os problemas. A percepção dos moradores sobre a falta de serviços públicos, como transporte, saúde, educação e segurança, mostra um déficit significativo de investimentos no bairro, que afeta diretamente a vida dos habitantes e sua capacidade de acesso a direitos básicos.

O tema do lazer, cultura e dinâmicas sociais também emerge nas entrevistas. A escassez de opções de lazer e espaços culturais, como praças e centros comunitários, é um ponto recorrente, e muitos moradores expressam o desejo de mais oportunidades para atividades recreativas e culturais. Para suprir essa falta, os moradores buscam alternativas informais, como festas locais e grupos de convivência, que são fundamentais para a integração comunitária e para a manutenção dos laços sociais.

Por fim, a percepção da mídia e a imagem do bairro são abordadas de forma crítica pelos moradores. Eles sentem que o bairro é frequentemente retratado de maneira estigmatizada pela mídia, o que contribui para a construção de uma imagem negativa do Morro 25. Essa representação influencia a autoestima dos moradores, gerando sentimentos de exclusão e discriminação em comparação a outros bairros da cidade, afetando a maneira como os moradores se relacionam com o resto da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um bairro periférico dentro de uma cidade é fundamental para a compreensão das complexidades que moldam o meio urbano, das dinâmicas de território e das desigualdades sociais. Estas regiões frequentemente enfrentam desafios relacionados à falta de infraestrutura, acessibilidade e vulnerabilidade ambiental. A análise destas questões permite o desenvolvimento de estratégias para melhorar a qualidade de vida dos moradores. Além disso, estudar bairros periféricos ajuda a identificar potenciais econômicos e culturais, valorizando as práticas locais e integrando essas comunidades ao desenvolvimento urbano da cidade. Pesquisas sobre bairros periféricos destacam a resiliência e as iniciativas locais, quebrando estigmas e dando visibilidade às realidades dessas comunidades. Isso contribui para empoderar os moradores, promover sua representatividade e buscar soluções que tornem as cidades mais equilibradas.

A análise do perfil do morador do Bairro Morro 25, em Lajeado, mostra uma comunidade caracterizada, predominantemente, por trabalhadores operários de renda modesta. Esses indivíduos, em sua maioria empregados no setor industrial, desempenham jornadas que os mantêm afastados de suas casas por dois turnos, reservando apenas um período para o convívio familiar e a interação com a vizinhança. Conforme apontado por um dos moradores, trata-se de “gente assalariada, com emprego fixo”, o que reflete a estabilidade econômica, ainda que limitada, dessa parcela da população. Este perfil, comum em áreas periféricas, reflete um quadro de trabalhadores que buscam, na proximidade com os centros industriais, a viabilidade de uma vida digna, embora sobrecarregada pela precariedade urbana e os desafios estruturais.

As condições de vida no Morro 25 são marcadas pela superação contínua das dificuldades impostas pela periferização, especialmente no que se refere à vulnerabilidade às cheias do Rio Taquari, que afetam a região com grande frequência. Contudo, apesar dessas adversidades, o bairro se destaca pela

resiliência de seus moradores. A capacidade de adaptação e a forte colaboração comunitária são expressões da forma como essa população, ainda que isolada geograficamente e socialmente, desenvolve mecanismos de resistência e enfrentamento das dificuldades. O sentido de pertencimento e a valorização do coletivo se refletem no engajamento ativo dos moradores, que, apesar da segregação socioespacial que caracteriza as periferias urbanas brasileiras, mantêm um olhar atento para as necessidades da comunidade, o que lhes confere um papel fundamental no processo de transformação local.

A segregação socioespacial, evidenciada pela dicotomia entre o centro e a periferia, é uma das dinâmicas centrais na análise das cidades brasileiras. Essa divisão, que impõe um distanciamento físico e social entre os grupos mais ricos e mais pobres, leva a uma série de desafios para os moradores das periferias. No caso do Morro 25, a segregação não se dá apenas pela distância geográfica dos centros urbanos, mas também pela dificuldade de acesso a serviços essenciais, o que intensifica a vulnerabilidade da população. Essa realidade está em consonância com as observações de Kaztman (2001), que argumenta que a segmentação dos serviços de educação, saúde e transporte contribui para a ampliação das distâncias sociais, pois restringe o acesso das classes populares a um rol de recursos que são frequentemente concentrados nas áreas centrais.

Ao mesmo tempo, o conceito de segregação na microescala, que se manifesta na divisão entre condomínios de alta renda e áreas periféricas, também se reflete na realidade do Morro 25. Embora o bairro não se configure como uma favela nos moldes tradicionais, a presença de fronteiras físicas e sociais invisíveis ou sutis, como a construção de muros e a segmentação do acesso aos serviços urbanos, acentua as barreiras entre diferentes grupos sociais. Essa divisão, ainda que não tão explícita quanto em outros contextos urbanos, resulta em uma dinâmica de exclusão, onde os moradores da periferia, como os do Morro 25, muitas vezes se veem afastados dos benefícios proporcionados pelas áreas mais privilegiadas.

Ademais, a violência urbana, conforme abordado por Andrade et al. (2009), agrava essa distensão social ao fomentar uma cultura do medo que reforça as divisões territoriais e sociais. No caso do Morro 25, os moradores experimentam um isolamento em múltiplas dimensões, que se intensifica tanto pela dificuldade de

acesso aos recursos urbanos quanto pela estigmatização da periferia como espaço de marginalidade. No entanto, a resistência dessa comunidade, que, mesmo diante de desafios como as cheias e a precariedade da infraestrutura urbana, segue participando ativamente da construção de sua própria identidade, deve ser reconhecida e respeitada. A convivência de diferentes grupos sociais, embora tensa em alguns contextos, é um reflexo da complexa dinâmica de uma cidade que, apesar de suas desigualdades, ainda é capaz de se reinventar através da força e da resiliência de seus habitantes.

Assim, o Bairro Morro 25, como muitos outros bairros periféricos, é um exemplo claro de como as condições de vida das populações mais vulneráveis nas grandes cidades são permeadas por desafios estruturais e geográficos. A resiliência e a colaboração entre os moradores desse bairro, mesmo diante das adversidades, constituem um patrimônio imaterial que, ao lado de ações e políticas públicas adequadas, pode ser um motor de transformação social.

Concluir este trabalho é um momento de reflexão profunda, não apenas sobre a pesquisa realizada, mas também sobre o significado de estar tão próxima de uma realidade como a do Bairro Morro 25, em Lajeado. Como arquiteta e moradora de outro bairro, posso afirmar que o estudo deste espaço vai além do contexto acadêmico; ele se entrelaça com minha vivência cotidiana, com minhas próprias experiências de deslocamento e de convivência em uma cidade que, como tantas outras, se organiza de maneira desigual.

O Bairro Morro 25 representa um exemplo claro das desigualdades que permeiam nossas cidades. No entanto, longe de ser apenas um retrato da precariedade, é também um espaço de resistência, onde a comunidade, apesar das dificuldades estruturais e da vulnerabilidade a desastres naturais, se mantém resiliente, acolhedora e atenta aos seus próprios anseios. Ao longo da pesquisa, percebi o quanto a relação de pertencimento e de coletividade são forças potentes na construção do cotidiano dos moradores, o que, para além de uma perspectiva acadêmica, é uma lição de vida e de solidariedade.

Entretanto, é impossível não destacar uma questão crucial que também permeia a realidade do bairro e de Lajeado como um todo: a desatualização dos

planos diretores municipais. O município, ao não atualizar constantemente seus planos urbanísticos, tem deixado de lado necessidades prementes de bairros periféricos como o Morro 25, que carecem de um olhar mais atento e dinâmico, capaz de contemplar as especificidades da população local e as transformações urbanas que afetam diretamente a qualidade de vida. A falta de atualização nos planos diretores impacta não apenas a infraestrutura, mas também o planejamento de ações de mitigação de desastres naturais, como as enchentes, e a efetiva inclusão de populações periféricas nas políticas públicas de urbanização e serviços essenciais.

Além disso, é importante salientar que os atuais processos de gestão da cidade de Lajeado carecem de um olhar multicultural e interdisciplinar mais robusto, especialmente nas equipes responsáveis pelo planejamento e execução das políticas públicas. A ausência dessa visão integrada, que deveria incluir uma escuta ativa das diversas comunidades, especialmente das periferias, impede que soluções mais eficazes e inclusivas sejam colocadas em prática. A diversidade cultural e social dos bairros como o Morro 25, bem como os desafios enfrentados por seus moradores, exigem abordagens que transcendem as lógicas convencionais de planejamento urbano, unindo saberes de áreas como a sociologia, a antropologia, a história e, claro, a arquitetura.

Este trabalho acadêmico, que busca compreender a dinâmica do bairro e suas complexidades, é fruto de um esforço coletivo, de trocas sinceras com a comunidade e de um olhar atento às suas necessidades. Contudo, minha maior esperança ao concluir este estudo é que ele possa, em algum momento, se transformar em um aliado para o Morro 25, seja na luta por melhorias estruturais ou no fortalecimento da identidade local. O texto que aqui apresento não é apenas um relato da realidade vivida pelos moradores, mas também uma ferramenta que, se necessário, poderá contribuir com o fortalecimento da voz da comunidade e com a construção de um futuro mais justo.

Como arquiteta, percebo a urgência de repensar as formas de habitação e urbanização que considerem, verdadeiramente, as realidades locais, sem negligenciar as histórias, os sonhos e as necessidades das pessoas que, como os moradores do Morro 25, são muitas vezes invisibilizadas. Enquanto moradora de

outro bairro, reconheço o privilégio de ter acesso a uma infraestrutura que muitos ainda buscam, e é com esse olhar crítico e atento que espero que este trabalho, além de sua relevância acadêmica, possa ser uma contribuição para um debate mais amplo e para ações concretas que promovam a equidade e a justiça social nas nossas cidades.

Afinal, um estudo como este não se limita a descrever uma realidade distante ou a transformar as comunidades em simples objetos de pesquisa, mas se propõe a entender como as lutas diárias e os pequenos gestos de resistência podem e devem ser reconhecidos, não apenas como partes de um sistema desigual, mas como agentes de transformação.

Para as palavras finais ressalto que o estudo realizado no Bairro Morro 25, em Lajeado, evidencia uma série de dinâmicas sociais e urbanas que refletem a realidade de muitas comunidades periféricas brasileiras. A pesquisa mostrou que a população local é composta majoritariamente por trabalhadores operários de renda modesta, empregados no setor industrial. Esses moradores enfrentam uma rotina marcada pela busca por estabilidade econômica, ainda que limitada, em meio a desafios urbanos como a precariedade da infraestrutura e a vulnerabilidade ambiental. Apesar dessas dificuldades, destaca-se a resiliência comunitária, expressa pela capacidade de adaptação e pelo senso de coletividade que permeia as ações cotidianas da população.

A análise também relata como a segregação socioespacial afeta diretamente o bairro, tanto por sua localização afastada dos centros urbanos quanto pela dificuldade de acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e transporte. Essa segregação, que reforça as desigualdades estruturais, é agravada por barreiras físicas e sociais, muitas vezes invisíveis, que isolam ainda mais as comunidades periféricas. O Morro 25, embora não seja considerado uma favela nos moldes tradicionais, enfrenta dinâmicas semelhantes de exclusão, exacerbadas pela estigmatização e pela segmentação dos recursos urbanos.

Um dos desafios mais significativos identificados no estudo é a desatualização dos planos diretores municipais, que impede uma abordagem mais eficaz e integrada no planejamento urbano. Essa falha compromete a infraestrutura

e a capacidade de mitigar desastres naturais, como as enchentes frequentes que afetam o bairro. Além disso, a falta de uma perspectiva multicultural e interdisciplinar no desenvolvimento de políticas públicas limita a implementação de soluções que contemplem as especificidades culturais e sociais das comunidades periféricas, reforçando a exclusão social.

Apesar disso, o estudo também aponta o potencial transformador do bairro. A valorização das dinâmicas locais, como o sentido de pertencimento e a colaboração comunitária, demonstra que os moradores não são apenas receptores passivos das políticas públicas, mas agentes ativos na construção de suas próprias realidades. A força da comunidade, mesmo diante de tantas adversidades, constitui um patrimônio imaterial que pode ser um motor de mudanças positivas.

A pesquisa contribui para a área de Ciências Ambientais, oferecendo subsídios para compreender as interações entre ocupação humana, vulnerabilidade ambiental e desenvolvimento urbano tendo um bairro como modelo. Essa abordagem integrada possibilita avanços no planejamento de infraestrutura resiliente e inclusiva, essenciais para promover a justiça social e ambiental em áreas periféricas.

Ao conectar os resultados à Agenda 2030, o estudo reforça seu impacto nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), abordando questões centrais como a redução da pobreza (ODS 1), a promoção da saúde e bem-estar (ODS 3), o trabalho decente e o crescimento econômico (ODS 8), a diminuição das desigualdades (ODS 10), a construção de cidades mais sustentáveis (ODS 11) e a mitigação dos impactos das mudanças climáticas (ODS 13). Assim, a pesquisa lança luz sobre os desafios do Morro 25, mas aponta caminhos para o desenvolvimento urbano mais inclusivo e sustentável, valorizando as pessoas, suas histórias e suas lutas diárias como elementos centrais no processo de transformação.

REFERÊNCIAS

Brasil. Constituição (1988)**.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Rio Grande do Sul. Secretaria do Planejamento, Mobilidades e Desenvolvimento Regional. Perfil socioeconômico COREDE Vale do Taquari. Porto Alegre: Governo do Estado, 2015. Disponível em: https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095341-perfis-regionais-2015-vale-do-taquari.pdf. Acesso em: 01 dez. 2023.

Lajeado. Bairros de Lajeado. Município de Lajeado, 2024. Disponível em: https://www.lajeado.rs.gov.br/conteudo/3356/931/. Acesso em 13 set. 2023.

Lajeado. Lei Nº 5345, de 04 de novembro de 1994. Denomina de Bairro Morro 25 parte integrante do bairro Santo Antônio, delimita-o geograficamente, bem como dá nova delimitação aos bairros Santo Antônio e Conservas e dá outras providências. Lajeado, RS, 1994.

Lajeado. Lei Nº 11.052, de 26 de agosto de 2020. Institui o Plano Diretor de Lajeado (PDL) como instrumento básico da política de planejamento e desenvolvimento municipal. Lajeado, RS, 2020.

A cidade e a água: vivências do Semeia EMAU no enfrentamento dos eventos climáticos de 2024: a cheia que atingiu o estado do Rio Grande do Sul e os desafios frente à reconstrução de moradias [recurso eletrônico] / Jamile Maria da Silva Weizenmann et al. – Lajeado: Editora Univates, 2024.

Bardin, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução: Luís A. Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

Bauman, Z. Comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Bauman, Z. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Braga, E. O Gentrificação. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

Carlos, A. F. A cidade. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? São Paulo: Contexto, 1994.

"Comércio de Lajeado será diluído para os bairros", projeta presidente da CDL. Jornal A Hora, Lajeado/RS, 01 jun. 2024. Disponível em: https://grupoahora.net.br/conteudos/2024/06/01/comercio-de-lajeado-sera-diluido-para-os-bairros-projeta-presidente-da-cdl/. Acesso em 03 dez. 2024.

Comunidade Maria Carmem de Lajeado é reconhecida como remanescente de quilombo. Folha Popular, 2023. Disponível em: https://folhapopular.info/index.php/2023/12/11/comunidade-maria-carmem-de-lajeado-e-reconhecida-como-remanescente-de-quilombo/. Acesso em: 14 dez. 2023.

Cullen, G. Paisagem urbana. São Paulo: Edições 70, 1983.

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Haesbaert, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Geografia: conceitos e temas. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 165-205, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama. Acesso em: 29 nov. 2024.

Jacobs, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1961].

Katzman, Rubén. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. Revista de la CEPAL, n. 75, p. 171-189, 2001. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/e37dda43-a705-44d5-88fe-0a2530f6b892/content. Acesso em: 14 dez. 2024.

Lamas, J. M. Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Le monde. Submerged by flooding, Porto Alegre realizes it was unprepared: "Everything has to be rebuilt". 2024. Disponível em: Le Monde.

Lefebvre, H. O direito à cidade. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008 [1968].

Lynch, K. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1960].

Maciver, R. M.; PAGE, C. H.; Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 117-131.

Martini, R. Um novo parque na orla do Taquari. Jornal A Hora, Lajeado/RS, 06 jul. 2023. Disponível em: https://grupoahora.net.br/conteudos/2023/07/06/um-novo-parque-na-orla-do-taquari/. Acesso em: 29 nov. 2023.

Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 12 nov. 2023.

Organização das Nações Unidas. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

Pasternack, S.; Ottaviano, C. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da leitura territorial do Censo de 2010. Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 75-99, 2016.

Reuters. Heavy rains return to southern Brazil, flooding even higher ground in Porto Alegre. 2024. Disponível em: Reuters.

Rossi, A. A arquitetura da cidade. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1966].

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: https://www.sebrae.com.br. Acesso em: 19 jul. 2024.

Silva, T. Prefeitura de Lajeado construirá parque no Bairro Morro 25 com acesso ao Rio Taquari. Rádio Independente, Lajeado/RS, 07 jul. 2023. Disponível em: https://independente.com.br/prefeitura-de-lajeado-construira-parque-no-bairro-morro-25-com-acesso-ao-rio-taquari/. Acesso em: 01 dez. 2023.

Somos Nações, 25 e Santo Antônio. Muito Prazer. Jornal A Hora, Lajeado, 17 fev. 2018. Disponível em: https://grupoahora.net.br/conteudos/2018/02/17/somos-nacoes-25-e-santo-antonio-muito-prazer/. Acesso em: 12 nov. 2023.

Tonnies, F. Comunidad y Sociedad. Buenos Aires: Losada, 1947.

Tuan, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Tuan, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Geograficidade, Niterói, RJ, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

Universidade do Vale do Taquari - Univates. Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento. Disponível em: https://www.univates.br/ppgad/. Acesso em: 13 out. 2023.

Valladares, L. do P. A invenção da favela: do mito de origem da favela. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Wirth, L. Delineamento e problemas de comunidade. In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 83-95.

ANEXOS

ANEXO A - Questões para entrevista semiestruturada com moradores do bairro Morro 25

1) Sobre o perfil socioeconômico:

Nesta seção, espera-se compreender qual o perfil de moradores do bairro, quem são e com quem convivem, onde buscam sua fonte de renda e por que decidiram fixar residência no bairro. Componentes curriculares relacionados: Desenvolvimento, Espaço e Território; Sociedade e Natureza; Patrimônio Cultural e Ambiental.

a) Há quanto tempo você reside no bairro Morro 25? De onde vieram?

b) Por que sua família escolheu morar no bairro Morro 25?

c) Você mora próximo do seu local de trabalho?

d) Como você percebe as oportunidades de trabalho no bairro Morro 25?

2) Sobre os atributos físicos:

Nesta seção, espera-se identificar as características físicas do ambiente urbano em que vivem estes moradores, a fragmentação de território, mobilidade, pontos de vulnerabilidade e características históricas que geraram condicionantes físicos para o desenvolvimento do bairro. Componentes curriculares relacionados: Desenvolvimento, Espaço e Território; Ecologia Geral; Energia e Desenvolvimento Sustentável; Sociedade e Natureza.

a) Como você enxerga o bairro onde mora? Por exemplo, você considera um bairro bonito, acolhedor, seguro, etc? Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando falamos sobre o bairro Morro 25?

b) Para você, qual a principal característica do seu bairro?

c) Consegue identificar qual é a parte mais nova e a parte mais antiga do seu bairro?

d) O bairro está crescendo? Onde cresce mais? E menos?

e) Como você acha que o restante da cidade percebe o bairro onde você mora?

f) Como você descreveria as ruas do seu bairro?

g) Como você descreveria os prédios e casas do seu bairro?

h) Qual o meio de locomoção que você mais utiliza dentro e/ou para sair do bairro?

i) Como é o caminho para sair de casa para trabalhar ou visitar amigos e familiares?

j) Como percebe a conexão do bairro com o restante da cidade?

k) Tem algum lugar dentro da cidade que, morando aqui, é difícil de chegar? E o que está perto?

l) É fácil ou difícil visitar outros bairros de Lajeado? E a área central? Quais os lugares da cidade de Lajeado que você costuma frequentar?

3) Sobre os atributos ambientais:

Nesta seção, o objetivo é analisar os condicionantes ambientais existentes no espaço urbano e como eles influenciam no dia a dia da comunidade, e também observar qual a capacidade física do território para o assentamento de habitações, especialmente em relação à topografia e a ligação com o Rio Taquari. Componentes curriculares relacionados: Desenvolvimento, Espaço e Território; Ecologia Geral; Gerenciamento Integrado de Resíduos; Sociedade e Natureza; Energia e Desenvolvimento Sustentável; Natureza do Conhecimento Ambiental.

a) Como é o acesso à água e esgoto, coleta de lixo e energia elétrica? Quais problemas no acesso a estes serviços são mais comuns?

b) Como lidam com a questão das cheias do Rio Taquari?

c) Como é o terreno onde está a casa de vocês? Tem árvores, córregos? É plano? Lembra de alguma dificuldade na hora de construir sua casa?

d) Você identifica alguma dificuldade em caminhar no bairro como uma barreira, por exemplo, córregos, morros, ruas, avenidas, muros, cercas, grades? Se sim, como são essas barreiras? O que vocês acham dessas barreiras? O que elas impedem vocês de fazerem?

4) Sobre os atributos culturais e sociais:

Nesta seção, busca-se analisar a ação do morador no território, ou seja, as interações das pessoas com o espaço construído, em caráter qualitativo, articulando-as aos usos e a ocupação do espaço público; se há ou não permanência e como se dão os fluxos; e que relação eles mantêm com os espaços de convivência. Componentes curriculares relacionados: Desenvolvimento, Espaço e Território; Sociedade e Natureza; Patrimônio Ambiental e Cultural.

a) Como você percebe sua vida em comunidade?

b) O que torna sua morada especial que não encontraria morando em outro lugar?

c) Como é o lazer no bairro? Quais são e como percebem estes lugares? Quem frequenta?

d) O que vocês fazem e o que vocês não conseguem fazer nos dias de semana e nos finais de semana?

e) Onde vocês costumam se encontrar com os amigos e familiares? O que vocês acham desses lugares?

f) Como é o convívio com os seus vizinhos?

g) Como você percebe a existência de uma comunidade quilombola no bairro?

5) Sobre os equipamentos Urbanos:

Nesta seção, busca-se analisar a oferta de equipamentos urbanos de educação, saúde, esporte e lazer, de comércio - principalmente o que se refere a bens de subsistência, como mercados, padarias e hortifrutis - e de serviços que amparem as demais atividades cotidianas. Componentes curriculares relacionados: Desenvolvimento, Espaço e Território; Ecologia Geral; Gerenciamento Integrado de Resíduos; Sociedade e Natureza; Patrimônio Ambiental e Cultural.

a) O que você pensa sobre o atendimento de saúde no bairro?

b) E sobre a existência de locais para a prática de esportes?

c) Fale um pouco sobre sua experiência com as instituições de ensino presentes no bairro: escolas e creches.

d) E sobre o atendimento da SAIDAN?

e) Frequenta alguma entidade religiosa no bairro?

f) Como é a oferta de locais como comércio e supermercados? O que há é suficiente ou precisam buscar produtos em outros locais fora do bairro?

g) Vocês participam de algum grupo como associação de bairro ou ONG? Qual?

h) Você conhece as lideranças? Quais os objetivos, dificuldades e benefícios desse grupo? O que vocês alcançaram em resultado da luta coletiva?

i) Vocês conhecem algum grande empreendimento ou alguma grande obra perto do bairro? O que vocês acham? O que mudou na vida de vocês por causa dessa obra?

j) Você tem opinião sobre o modo que a gestão municipal destina verbas para sua comunidade?